



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Otávio Vendramin dos Santos

**Construção e validação do Inventário Brasileiro de Empatia para
Adolescentes (IBE-A)**

Rio de Janeiro

2022

Otávio Vendramin dos Santos

Construção e validação do Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora : Prof.^a Dra. Angela Josefina Donato Oliva

Coorientador : José Augusto Evangelho Hernandez

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S237 Santos, Otávio Vendramin dos.
Construção e validação do Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes
(IBE-A) / Otávio Vendramin dos Santos. – 2022.
88 f.

Orientadora: Ângela Josefina Donato Oliva
Coorientador: José Augusto Evangelho Hernandez.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Empatia – Teses. 3. Adolescentes – Teses.
I. Oliva, Ângela Josefina Donato. II. Hernandez, José Augusto Evangelho. III.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Otávio Vendramin dos Santos

Construção e validação do Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 29 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Angela Josefina Donato Oliva (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Felipe Nalon de Castro
Programa de pós-graduação em psicobiologia -UFRN

Prof. Dr. Marcos Aguiar de Souza
Departamento de Psicometria - UFRJ

Prof. Dr. Augusto Duarte Faria
Departamento de Psicologia - FURG

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Aos companheiros que estão e que virão, e a todos os que sabem que o que nos separa é muito menor do que o que nos aproxima.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento, não uma formalidade, por isto quase todas as pessoas às quais sou grato já foram contatadas pessoal e sinceramente.

Minha gratidão mais profunda e verdadeira, e que não pode ser devidamente expressada, é pelos jovens que participaram desta pesquisa. De Epitaciolândia até Lucena, entre Boa Vista e Bagé, minha gratidão.

O Brasil segue vivo e lindo.

No quiero volver a ser invisible

Anônimo

RESUMO

Santos, Otávio Vendramin dos . *Construção e validação do Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A)* . 2022 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Empatia é um conceito amplo, se refere às reações cognitivas e emocionais às experiências observadas de outra pessoa. Sentir empatia aumenta a probabilidade de demonstrar compaixão e auxiliar os demais. Esta dissertação teve por objetivo realizar dois estudos. O primeiro foi uma Revisão Sistemática acerca de estudos empíricos relacionados ao tema da empatia publicados e realizados no Brasil em uma década (de 2010 a 2020). Este trabalho encontrou ao todo 24 estudos com esta temática, observando uma super-representação de amostras, em geral adultas, femininas e sudestinas. Também se observou uma carência de instrumentos para avaliar empatia em adolescentes além de um uso por vezes indiscriminado de alguns deles. O segundo estudo objetivou desenvolver um Inventário Brasileiro de Empatia, para adolescentes de 13 a 17 anos. Após pesquisa literária, foram construídos 111 itens os quais foram submetidos às análises semânticas de cinco juízes e de 7 integrantes do público alvo. Os itens 40 remanescentes foram, online, submetidos à avaliação de 610 adolescentes, de ambos os sexos e de todos os estados do Brasil, mais o Distrito Federal. Os escores foram analisados por meio de Análise Fatorial Exploratória e os resultados revelaram uma solução fatorial de dois fatores, Empatia Afetiva e Empatia Cognitiva, com 34 itens. Os índices de consistência interna variaram de 0,88 a 0,95. Pode-se concluir que, em seu formato final, os itens dessa nova escala apresentaram adequadas evidências de validade e de fidedignidade, e que essa medida de empatia criada para adolescentes brasileiros não apresenta os problemas de instrumentos anteriores aqui identificados.

Palavras-Chaves: Empatia; Adolescente; Psicometria.

ABSTRACT

Santos, Otávio Vendramin dos. *Construction and validation of the Brazilian Empathy Inventory for Adolescents (IBE-A)*. 2022 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Empathy is a broad concept, referring to the cognitive and emotional reactions to the observed experiences of another person. Feeling empathy increases the likelihood of showing compassion and helping others. This dissertation aimed to carry out two studies. The first was a Systematic Review about empirical studies related to the theme of empathy published and carried out in Brazil in a decade (from 2010 to 2020). This work found a total of 24 studies with this theme, observing an overrepresentation of samples, in general adults, females and Southeast. There was also a lack of instruments to assess empathy in adolescents, in addition to the sometimes indiscriminate use of some of them. The second study aimed to develop a Brazilian Empathy Inventory for adolescents aged 13 to 17 years. After literary research, 111 items were constructed and submitted to semantic analysis by five judges and 7 members of the target audience. The remaining 40 items were, online, submitted to the evaluation of 610 adolescents, of both sexes and from all Brazilian states, plus the Federal District. The scores were analyzed using Exploratory Factor Analysis and the results revealed a two-factor factor solution, Affective Empathy and Cognitive Empathy, with 34 items. Internal consistency indices ranged from 0.88 to 0.95. It can be concluded that, in its final format, the items of this new scale presented adequate evidence of validity and reliability, and that this measure of empathy created for Brazilian adolescents does not present the problems of previous instruments identified here.

Keywords: Empathy; Adolescent; Psychometry

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fluxograma PRISMA de seleção dos artigos	20
Figura 2 –	Distribuição de publicações por ano	21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese dos estudos encontrados na literatura.....	23
Tabela 2 – Resultados da Análise Paralela.....	40
Tabela 3 – Matriz das Cargas Fatoriais e Comunalidades dos itens (h^2).....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE	Análise Fatorial Exploratória
EEMPA-IJ	Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes de Bryant
EECA	Escala de Empatia Infantojuvenil
EMRI	Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal
IRI	Interpersonal Reactivity Index
IBE-A	Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	Artigo 1: UMA DÉCADA DE EMPATIA NA PSICOLOGIA- Estudos e problemas, uma revisão sistemática.	15
2	Artigo 2: CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INVENTÁRIO BRASILEIRO DE EMPATIA PARA ADOLESCENTES (IBE-A).....	31
3	DISCUSSÕES.....	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	53
	APENDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	69
	APENDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	83
	APENDICE C – Primeira versão do Instrumento.....	74
	APENDICE D – Primeira versão revisada do Instrumento.....	77
	APENDICE E – Segunda versão do Instrumento	79
	APENDICE F – Versão Online do Instrumento.....	81
	APENDICE G – Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A).....	82
	APENDICE H – Questionário Sociodemográfico.....	83
	APENDICE I - Categorização dos itens.....	88

INTRODUÇÃO

Nós somos seres sociais. Durante o processo de nosso passado evolutivo a natureza foi selecionando características que potencializassem nossa possibilidade de sobrevivência e reprodução. Desta forma o primeiro domínio de inteligências especializadas, que se desenvolveram a partir de uma racionalidade ampla compartilhada com outros símios foi a inteligência social (Oliva, et al, 2006). Para animais que vivem em grupo é importante algum tipo de compartilhamento de informações e negociação para obtenção de recursos, o que pressupõe interações e cooperação entre os indivíduos.

Viver em grupo envolve alguma forma de comunicação que estimula habilidades sociais e inteligência social como ferramentas de sobrevivência (Vieira, & Oliva, 2017). Um dos fatores relevantes que garantiram a sobrevivência e sucesso reprodutivo do *homo sapiens sapiens* foi sua capacidade de organização, uma ferramenta mental que amplia a defesa e a coesão do grupo e permite acumular recursos e conhecimento (Foley, & Lewin, 2013).

Um aspecto relevante do processo comunicacional é a crença no compartilhamento de signos entre os pares (Hauser, 1996). Isto é, para que eu possa me comunicar bem é importante que eu acredite que meu interlocutor entende os sinais que eu estou emitindo, é importante que ambos se entendam. Enquanto, por exemplo, abelhas usam feromônios e movimentos específicos para atrair parceiros ou achar pólen (Leonhardt, *et al*, 2016), um bebê pode fazer uma careta demonstrando seu descontentamento, em ambos os casos se tratam de comportamentos derivados de predisposições inatas.

Outra herança, foi a capacidade humana de reconhecer corretamente expressões faciais. Independentemente da cultura, temos uma tendência a reconhecer, com pouca margem de erro, as emoções emitidas por outra pessoa. Outra característica inata advinda deste reconhecimento foi o compartilhamento emocional entre os sujeitos, o que se convencionou, grosso modo, chamar de empatia.

A empatia é um tema complexo e, embora tenha ganhado popularidade, não há nem uma definição absoluta nem uma única forma de abordá-la empiricamente. Por exemplo, Cuff et al (2014) em sua revisão acerca da empatia encontrou 46 possíveis definições para o constructo, assim, corroborando parcialmente, o que apontam Decety e Jackson “Há quase tantas definições de empatia quanto pesquisadores na área” (2004, P.73). Entretanto, existem alguns espaços de relativo consenso entre estudiosos do tema. Uma pesquisa de Elkmund e Meranius (2021) sintetizou as principais formas que pesquisadores de diferentes

nacionalidades conceitualizam atualmente a empatia. Ela é majoritariamente enquadrada em uma, ou mais, das seguintes categorias: compreensão, sentimento, compartilhamento afetivo e diferenciação de *self*.

No dia a dia, é relativamente comum ouvirmos o termo empatia, pois está presente em matérias jornalísticas (Florêncio, 2021), livros de divulgação científica (Kznaryc, 2015) ou mesmo em *podcasts* (Wallauer & Bartis, 2021, 1h17min). Porém, apesar da profusão de obras sobre o tópico, na seara da psicologia este constructo ainda não é tão abordado como outros campos de pesquisa em psicologia.

A presente dissertação é composta de duas pesquisas; uma Revisão Sistemática e um trabalho empírico. Ambas são, de certa forma, complementares e tiveram início em meados de 2020.

Atualmente existem alguns estudos de revisão acerca do tema empatia no Brasil. Por exemplo podemos citar os trabalhos das duplas Mufato e Gaíva (2019), que revisou estudos sobre empatia no cuidado em saúde, Roza e Guimarães (2021), que estudou os aspectos da empatia em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e ainda Ramos e Do Nascimento (2019) que se debruçaram em estudos sobre conhecimento bioético de profissionais de saúde em relação aos cuidados paliativos. Entre os escritos, em formato Revisão Sistemática, dos últimos dez anos no campo da psicologia podemos citar o estudo de Azevedo (2014) que se debruçou na pesquisa e descrição de instrumentos nacionais e internacionais de empatia, o estudo conduzido por Machado e Calvetti (2020) que teve seu foco na revisão sistemática de instrumentos para medir empatia em crianças e o trabalho conduzido por Azevedo, Mota e Mettrau (2019) onde foram revisados aspectos metodológicos e conceituais dos estudos de empatia no Brasil. Todos estes estudos apresentam qualidades, entretanto nenhum deles se analisou especificamente publicações em psicologia. Por conta do amplo espectro de pesquisa dos supracitados estudos alguns detalhes sutis nos trabalhos revisados, tais como proporcionalidade das amostras e falhas implícitas podem não ter recebido a atenção que mereceriam. Em decorrência disto, nosso primeiro estudo de propõe a se debruçar especificamente nas publicações no campo da psicologia brasileira buscando compreender suas forças e limitações.

O primeiro estudo deste documento trata-se de um trabalho de Revisão Sistemática acerca da produção, metodologia e resultados de estudos que tiveram como foco a empatia nos últimos dez anos no Brasil no campo da psicologia. A pesquisa foi realizada por dois juízes independentes entre os meses de fevereiro e março de 2021 em três bases de dados; PEPSIC, BVS e SCIELO. Os descritores utilizados foram *empat** OR *empat\$*, e foram

considerados; 1) Objetivo do estudo; 2) ano da publicação, 3) tipo de delineamento, 4) campo de pesquisa, 5) nacionalidade da pesquisa e do periódico.

O segundo estudo apresentado, subsequente ao primeiro, deveu-se a percepção do complexo fato de que os instrumentos para avaliar a empatia mais disseminados no Brasil são, em sua maioria para a população adulta (Falcone, *et al.*, 2008; Miguel, *et al.*, 2018; Viana-Meireles *et al.*, 2018). No que se refere a populações mais jovens existem, atualmente, apenas três instrumentos disponíveis, dois deles são adaptações de instrumentos estrangeiros (Koller *et al.*, 2001) e outro que carece de análises posteriores (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014). Tal lacuna levou ao desenvolvimento do segundo estudo.

Como já citado, os instrumentos existentes, apesar de sua ampla utilização, possuem itens com questões possivelmente problemáticas tais como termos potencialmente vagos, itens com mais de uma ideia (o que dificulta conclusões categoriais sobre a resposta dos participantes ao item), itens que medem sentimentos diferentes da empatia, entre outros. Outros problemas encontrados em pesquisas são em relação às idades das amostras, apesar de que existam estudos posteriores com outras faixas etárias (Rodrigues & Ribeiro, 2011; Rodrigues & Da Silva, 2012), os dois instrumentos foram inicialmente validados para uma faixa etária apenas de 14 a 16 anos (Koller *et al.*, 2001) além disso as amostras são bastante regionalizadas, isto é, não foram utilizadas amostras de mais de dois estados nos processos de validação dos instrumentos. Para este trabalho foi escolhida a definição de empatia proposta por Cuff *et al.* (2014).

Por conta destes pontos foi criado o Inventário de Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A). O objetivo deste estudo era criar um instrumento que pudesse aferir, com robustez estatística, a empatia em adolescentes de 17 a 13 anos. Para tal primeiramente houve uma pesquisa em diversos instrumentos, nacionais e internacionais, que buscam medir o constructo empatia e foram criados mais de 100 itens com base nestas leituras. Posteriormente os itens passaram pelo escrutínio de cinco juízes, doutores em psicologia, que os julgaram com base em três critérios de relevância. Posteriormente tais itens sofreram alterações e diminuições, além de análises de outros três juízes e do público-alvo. Ao todo sobraram 40 itens, metade com cargas negativas, foram disponibilizados na internet para a população de treze a dezessete anos. Tal pesquisa se encontra em submissão na revista Avaliação Psicológica, atualmente.

1 UMA DÉCADA DE EMPATIA NA PSICOLOGIA¹- Estudos e problemas, uma revisão sistemática.

A DECADE OF EMPATHY IN PSYCHOLOGY- Studies and problems, a systematic review.

Otávio Vendramin dos Santos ¹

Kátia Maria Ribeiro de Souza ²

Angela Josefina Donato Oliva ³

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista da FAPERJ

³ Professora Dr^a. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Objetivo: Este estudo teve por objetivo mapear a produção científica brasileira acerca da empatia sob a ótica da Psicologia. **Método:** Foi realizada uma Revisão Sistemática nas bases PEPSIC, BVS e SCIELO, pelo método PRISMA, utilizando os descritores [empat* OR empat\$], considerando artigos de pesquisa empírica publicados entre 2010 e 2020, em periódicos nacionais de Psicologia. A busca, seleção e avaliação dos artigos foi realizada por dois revisores independentes, considerando: Objetivo, ano da publicação, tipo de delineamento, campo de pesquisa, nacionalidade da pesquisa e do periódico. **Resultados:** 24 estudos foram selecionados. Houve predominância de pesquisas com amostragem feminina, reduzido número de participantes (≤ 50) além de maior concentração nas regiões sul e sudeste. **Conclusão:** Os resultados dos estudos evidenciaram associações entre a empatia, satisfação conjugal, desempenho acadêmico, bem-estar entre outros. Tais resultados

¹ Este artigo está em processo de submissão na revista Psico-USF.

tampouco podem, em sua maioria, ser generalizados, principalmente por conta principalmente do tamanho pequeno e regionalizado de suas amostras.

Palavras-chave: Empatia; Revisão Sistemática; Psicologia.

Registro PROSPERO: CRD42021224684

Abstract

Objective: This study aimed to map the Brazilian scientific production about empathy from the perspective of Psychology. **Method:** A Systematic Review was carried out in the PEPSIC, BVS and SCIELO databases, by the PRISMA method, using the descriptors [empat* OR empat\$], considering empirical research articles published between 2010 and 2020, in national journals of Psychology. The search, selection and evaluation of articles was carried out by two independent reviewers, considering: Objective, year of publication, type of design, field of research, nationality of the research and of the journal. **Results:** 24 studies were selected. There was a predominance of surveys with a female sample, a reduced number of participants (≤ 50) and a greater concentration in the south and southeast regions. **Conclusion:** The results of the studies showed associations between empathy, marital satisfaction, academic performance, well-being, among others. Such results cannot, for the most part, be generalized, mainly because of the small and regionalized size of their samples.

Keywords: Empathy; Systematic Review; Psychology.

Empatia é por definição um constructo complexo. Apesar de não consensual a ela pode ser compreendida como compartilhamento e entendimento das emoções de outrem (Vachon, & Lynam, 2016). Este constructo tem sido alvo de estudos ao longo do tempo, por diversos campos do conhecimento. Elas estão presentes desde o *design* de produto (Bokova & Pluzhnikova, 2016) até a linguística (Buechel, Buffone, Slaff, Ungar, & Sedoc, 2018), ao mesmo tempo que é objeto de estudo em diversas culturas, desde o Irã (Rezayat et al., 2018) à Nigéria (Ameh, Uti, & Daramola, 2019). Múltiplas, também, são as populações nas quais este tema é estudado, variando desde cetáceos (Fox, Muthukrishna, & Shultz, 2017), roedores (Kim, Keum, & Shin, 2019), pássaros (Francis, Depow, & Inzlicht, 2021), cães (Sanford, Burt, & Meyers-Manor, 2018) até primatas não humanos (De Waal, & Preston, 2017). Apesar de que os conceitos de empatia utilizados sejam quase são amplos quanto o número de estudos (Decety & Jackson, 2004).

A empatia na psicologia tem sido estudada em diferentes populações e os resultados indicam correlações com diversos constructos presentes nas interações interpessoais, tais como autoeficácia (Fuochi, Veneziani, & Voci, 2018), tendência de perdoar (Cornish, *et al.*, 2020), manejo de conflitos (Promsri, 2019), capacidade de fazer amizades (Ciarrochi, *et al.*, 2017), dentre outras. Em uma busca rápida em bases eletrônicas internacionais constata-se que o tema empatia tem sido amplamente estudado em todo o mundo. Contudo, quando a busca fica restrita a artigos publicados em português, a produção é menor do que o visto internacionalmente. Além disso, como apontam Junker e Jacquemin (2017), muitas vezes o termo “empatia” é usado como guarda-chuva para diversos comportamentos, sentimentos e emoções que, algumas vezes têm pouca similaridade entre si.

Este estudo teve por objetivo mapear a produção científica brasileira acerca da empatia sob a ótica da Psicologia, já que tanto de forma leiga (Molano, 2021; Willmersdorf, 2021) quanto academicamente (Decety, & Ickes, 2011; De Waal, & Preston, 2017) houve uma profusão de sobras sobre o tema. Entretanto, como não se verificou na literatura nacional trabalhos que coadunem as produções acerca de empatia no Brasil, a presente revisão busca oferecer um panorama atual sobre o que tem sido publicado em periódicos acadêmicos em nosso país. A ideia é tentar responder à questão sobre o que tem sido publicado sobre empatia, em periódicos revisados por pares, no âmbito nacional. Para isto foi realizada uma revisão sistemática da literatura utilizando um corte temporal de 10 anos.

Método

Delineamento do estudo.

Trata-se de uma revisão sistemática com objetivo de identificar produções científicas disponibilizadas na literatura empírica brasileira, artigos publicados em português, especificamente no campo da Psicologia, que investiguem o construto empatia e suas correlações. Esta pesquisa, utilizando uma abordagem qualitativa, está registrada no Prospero sob o código: CRD42021224684. O método escolhido para realizar esta revisão sistemática foi o PRISMA.

Busca e Seleção dos Estudos.

As buscas foram realizadas em fevereiro de 2021, nas bases PEPSIC, BVS e SCIELO, as duas primeiras voltadas para o campo da psicologia e a última com temática multidisciplinar. Os descritores utilizados foram [empat* OR empat\$], aplicando-se os seguintes filtros: 1) Área temática: ciências humanas, 2) Coleção: Brasil, 3) referência temporal entre 2010 e 2020.

O processo de busca e seleção dos artigos foi realizado por dois revisores independentes, psicólogos, que apresentaram consenso sobre a inclusão dos artigos selecionados para compor esta revisão sistemática, nos momentos em que houve discordância os avaliadores discutiram até atingirem um consenso, e quando isso não era alcançado, recorria-se a um juiz. Após a busca inicial nas bases de dados indexadas, todos os artigos selecionados foram analisados pelos revisores seguindo os seguintes critérios de inclusão: a) abordar o tema da empatia de forma empírica; b) campo de pesquisa do estudo como sendo a Psicologia; c) estudos de autoria brasileira; d) periódicos nacionais.

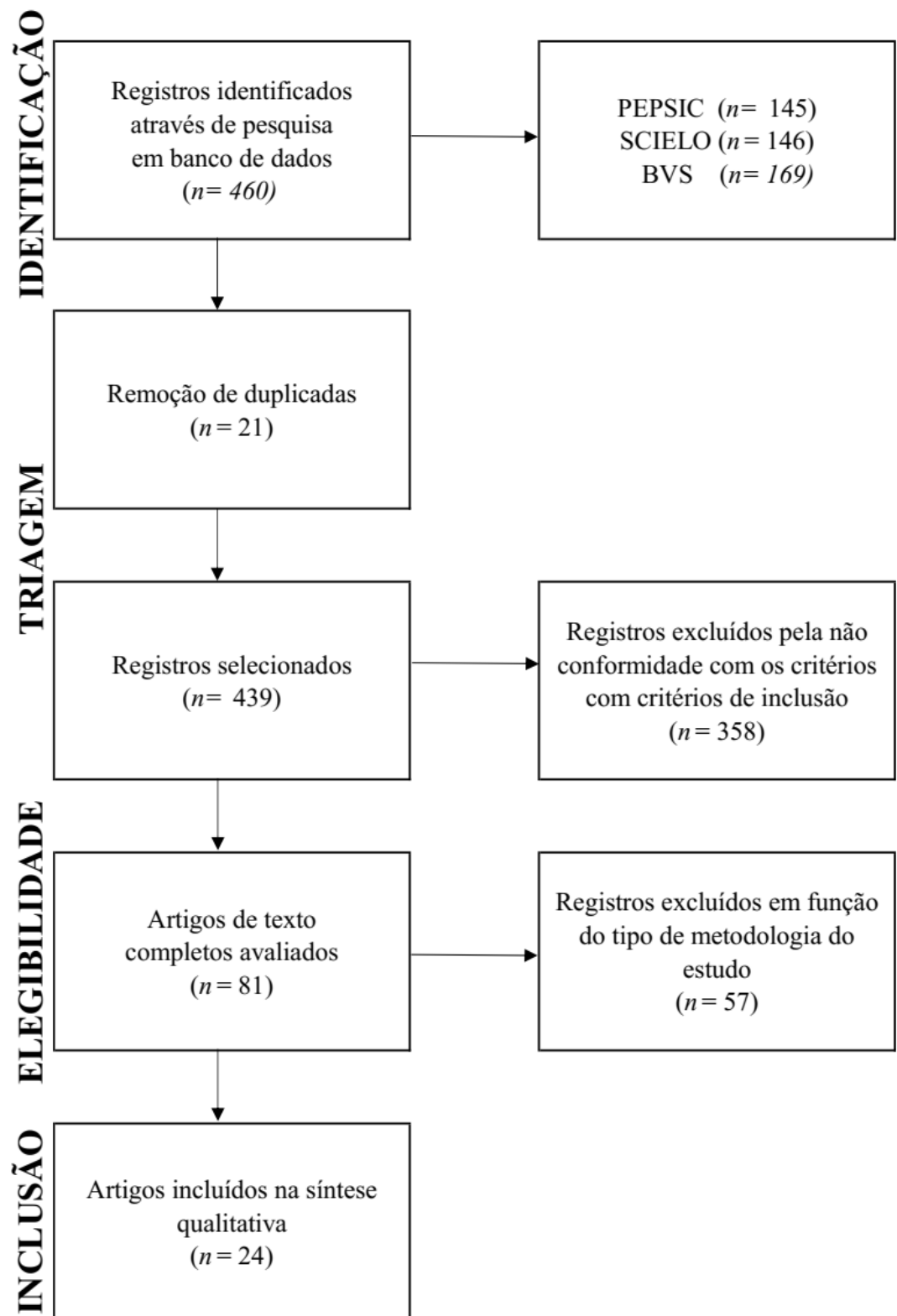
Foram excluídos estudos a) Revisão Narrativa, descritiva, sistemática, bibliográfica e relato de experiência; b) capítulo de livro; livros; c) estudos que estivessem fora do escopo temporal 2010-2020; d) estudos que não apresentassem nenhuma relação com o tema “empatia”; e) estudos de outras áreas de conhecimento e pesquisa que não Psicologia; f) estudos de autoria estrangeira; g) Revistas que não fossem brasileiras; h) estudos qualitativos.

Após a etapa de triagem, realizou-se a leitura na íntegra dos artigos pré-selecionados. Na etapa de elegibilidade, procedeu-se a avaliação dos critérios metodológicos dos estudos primários, sendo considerados elegíveis para esta revisão apenas os escritos que utilizaram abordagem quantitativa e que traziam o tema da empatia como objetivo primário de seus estudos.

Resultados

Na fase de busca foram obtidos 460 registros nas três bases de dados citadas anteriormente, encontrando 21 estudos duplicados. Foram aplicados os critérios de elegibilidade e procedeu-se à leitura de texto na íntegra. Feitas as devidas análises, foram considerados elegíveis para esta revisão sistemática 24 artigos (5,21 % da busca inicial, $n=460$). A Figura 1 mostra fluxograma PRISMA (Moher et al., 2009) de seleção dos artigos selecionados para esta revisão.

Figura 1

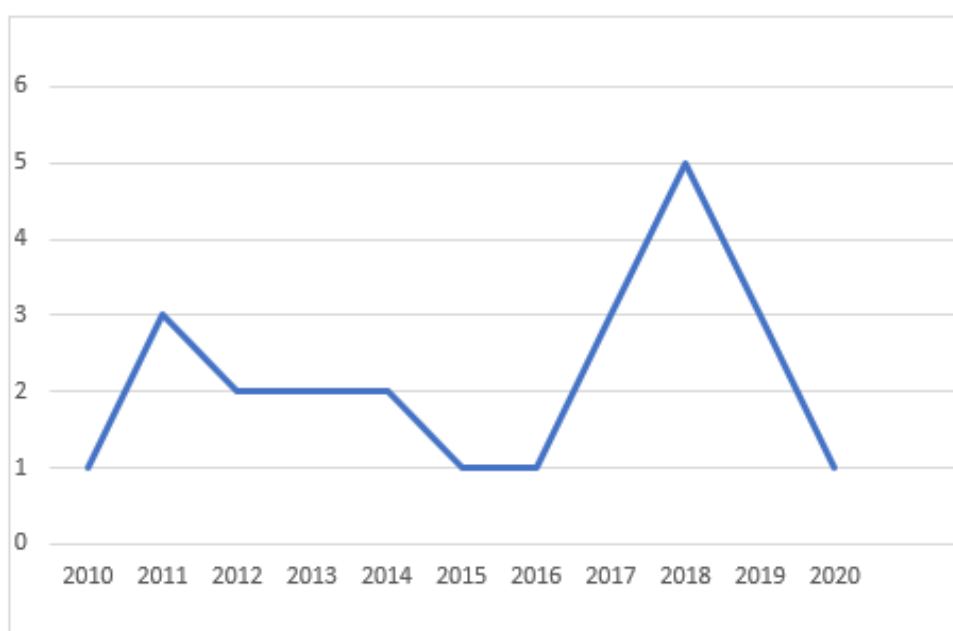


Nota: Fluxograma PRISMA (Moher, et al., 2009)

A Figura 2 permite constatar graficamente a evolução da produção científica sobre o construto empatia no período temporal de 10 anos, com um acentuado declínio nos últimos dois anos e uma maior quantidade de publicação nos anos de 2017 e 2018.

Figura 2

Distribuição das Publicações por ano



Em relação ao número de artigos publicados por periódicos, destacam-se as revistas Estudos e Pesquisas em Psicologia e Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, ambas com publicações em português, totalizando juntos 25,92% dos artigos publicados entre 2010-2020. Em relação à avaliação Qualis, segundo a categorização do quadriênio 2013 a 2016, 15 artigos estão classificados no estrato “A” enquanto 9 no extrato “B”.

Em relação ao local das pesquisas, a maioria dos estudos contemplou populações do sudeste ($n= 16$), principalmente o estado do Rio de Janeiro ($n=10$). Não houve estudos nas regiões norte e centro-oeste.

Quanto aos participantes, os estudos contemplam crianças, adolescentes, adultos e casais. Cabe comentar que nenhum estudo contemplou especificamente idosos. Em relação à categoria profissional dos participantes, foram identificados grupos de professores (Motta, et al., 2017; Wagner, Piccinini, Piccinini, & Patias, 2019), psicólogos (Simoni, Benetti, & Bittencourt, 2018), além de graduandos de medicina, psicologia e enfermagem (Aguilar, Formiga, & Cantinilo, 2017; Rodrigues, Peron, Cornélio, & Franco, 2014; Silva, Pereira, & Baltieri, 2020), entre outros.

De modo geral, houve participantes de ambos os sexos, porém na maioria dos estudos ($n= 18, 75\%$), houve predominância feminina, havendo alguns escritos apenas com mulheres (Lampert & Scortegagna, 2018; Rodrigues et al., 2014; Simoni et al., 2018) e outros onde a diferença entre os sexos superou 88% (Beltriz & Pureza, 2018). Foi encontrado um estudo de caso com uma única participante (Simoni et al., 2018) e um estudo *Online* para avaliação de instrumentos psicométricos, com participação de 4801 pessoas ao todo (Miguel, Hashimoto, Gonçalves, Oliveira, & Wiltenburg, 2018).

Dentre os estudos analisados, foi observado o uso de 62 instrumentos psicométricos, com predominância do Inventário de Empatia (Falcone et al., 2008), utilizado em nove estudos seguindo pelo Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI (Koller, Camino, & Ribeiro, 2001) presente em seis estudos e o Interpersonal Reactivity Index (IRI) (Sampaio et al., 2011) presente em cinco.

Discussão

Ao todo a pesquisa encontrou 24 estudos, vide Tabela 1.

Tabela 1

Síntese dos estudos encontrados na literatura

Autor (es)	Título	Objetivo	Amostra	Resultados
Aguiar, Formiga, & Cantinilo, 2017	Personality traits and empathic abilities: a predictive study on medical students.	Investigar a relação entre empatia e traços de personalidade em estudantes de medicina.	197 estudantes de medicina (47% homens e 53% mulheres)	Extroversão foi predita positivamente pela Preocupação Empática e negativamente pela Angústia Pessoal, Amabilidade teve relações positivas com a Preocupação Empática e a Tomada de Perspectiva. Neuroticismo positivamente relacionado à preocupação empática e à fantasia, e negativamente à tomada de perspectiva. Mulheres pontuaram mais alto em medidas de empatia do que homens.
Barros, Soares & Hernandez, 2019	Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle	Verificar relações preditivas entre habilidades sociais, empatia, amor e satisfação conjugal no ciclo vital familiar.	446 Indivíduos, 50% (n= 223) mulheres e 50% (n= 223) homens, idades entre 21 a 79 anos.	As variáveis explicativas que mais contribuíram para a Satisfação Conjugal de homens foram a Paixão, o Autocontrole Proativo e a Decisão/Compromisso; e, para as mulheres, o Compromisso, a Sensibilidade Afetiva, a Decisão/Compromisso e a Paixão.
Beltriz & Pureza, 2018	A relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos	Investigar se há relação entre os esquemas iniciais desadaptativos e a empatia em estudantes universitários.	60 Indivíduos, 88,3% (n= 53) mulheres e 11,7% (n= 7) homens	Encontraram-se 22 correlações entre esquemas iniciais desadaptativos e construtos da empatia, indicando que há relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos.
Falcone et al., 2013	Validade convergente do Inventário de Empatia (IE)	Investigar a validade convergente do Inventário de Empatia.	230 Indivíduos, 56,1% (n= 129) mulheres e 43,9% (n= 101) homens, idades entre 18 a 63 anos.	Ocorreram correlações positivas fortes ou moderadas entre os fatores cognitivos do IE (Tomada de Perspectiva e Flexibilidade Interpessoal) e o fator cognitivo da EMRI. No entanto, os fatores afetivos do IE (Altruísmo e Sensibilidade Afetiva) apresentaram correlações positivas e significativas e baixas ou não-significativas, com os fatores afetivos da Escala EMRI.
Formiga & Souza, 2012	Tipo de orientação cultural e empatia em brasileiros: verificação de um modelo teórico.	Verificar um modelo teórico em que o tipo de orientação cultural explique a empatia	456 Indivíduos, 56% mulheres e 44% homens, idades entre 12 a 67 anos.	Associação positiva entre orientação coletivista e empatia e associação negativa de empatia com orientação individualista

Formiga, 2015	Verificação do modelo fatorial hierárquico do Interpersonal Reactivity Test (IRI).	Verificar a estrutura fatorial da IRI, orientando-se na proposta teórica e fatorial hierárquica estabelecida pelo autor	120 Indivíduos, 52% mulheres e 48% homens, idades entre 14 a 61 anos.	Corroborou-se o modelo hierárquico organizado sob as experiências afetivas e cognitivas da empatia. Mulheres apresentaram médias superiores a dos homens em relação a experiência afetiva e em todas as dimensões da empatia cognitiva.
Formiga, et al., 2013	Fidedignidade da estrutura fatorial da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI).	Verificar da consistência interna e estrutura fatorial da escala EMRI	488 Indivíduos, 57% mulheres e 43% homens, idades entre 14 a 54 anos.	Observou-se indicadores psicométricos que garantiram a consistência estrutural da escala, promovendo uma segurança da mensuração teórica do construto da empatia.
Kirst-Conceição & Martinelli, 2014	Análises psicométricas iniciais de uma escala de empatia infantojuvenil (EEmpa-IJ).	Descrever o desenvolvimento e a validação inicial de uma escala de empatia para estudantes brasileiros	201 Crianças, 51,2% ($n=103$) meninas e 48,8% ($n=98$) meninos, idades entre 9 a 16 anos.	O alfa de Cronbach do fator “preocupação com o outro” foi de 0,75, do “envolvimento emocional” foi de 0,71 e “flexibilidade interpessoal” foi de 0,63. O instrumento requer estudos adicionais por um fator (flexibilidade interpessoal) não apresentar índices aceitáveis de consistência interna.
Lampert, & Scortegagna, 2018	Empatia em cuidadores de idosos por meio do Teste Pfister.	Verificar se cuidadores formais apresentavam esta habilidade	10 Mulheres	Houve correlação negativa moderada entre o fator Altruísmo e o aspecto formal formação, correlação positiva moderada entre o fator Sensibilidade Afetiva e o aspecto formal da estrutura.
Miguel et al., 2018	Estudos de validade do questionário online de empatia	Estudar a validade do Questionário Online de Empatia (QoE)	4801 Indivíduos, 56,8% ($n=2725$) mulheres e 43,2% ($n=2076$) homens, idades entre 18 a 50 anos.	Os escores do QoE tiveram correlações brandas com medidas de desregulação emocional (positivamente para empatia afetiva, negativamente para as outras), qualidade de vida e satisfação de vida (positivamente); correlações próximas de nulo com medidas de inteligência.
Moreira, DeSouza & Guerra, 2018	Self-Perception, Empathy and Moral Self-Concept Predict Moral Concerns in Adults	Verificar as relações entre autoconsciência, empatia e preocupações morais individualizantes (PMI) e vinculativas (PMV).	341 Indivíduos, 63% mulheres e 37% homens, idades entre 21 a 28 anos de idade (37%)	Conclui-se que componentes afetivos da empatia e autoconceito moral são bons preditores de preocupações morais e que processos metacognitivos de alta-ordem não são preditores de PMI, mas preditores negativos de PMV (vinculativas).
Motta et al., 2017	Desenvolver um programa para desenvolvimento do comportamento empático em professores	Desenvolver um programa para desenvolvimento do comportamento empático em professores.	8 Professores	Os participantes apresentaram média de desempenho maior em todas as medidas de empatia, sendo estas diferenças estatisticamente significativas

Pinho, Fernandes, & Falcone, 2011	A influência da idade e da escolaridade sobre a experiência empática de adultos.	Investigar as relações entre a habilidade social empática e idade e escolaridade	537 Indivíduos, idades entre 18 a 79 anos	Os resultados indicaram correlações significativas do ponto de vista estatístico entre idade e dois aspectos da empatia: altruísmo e sensibilidade afetiva. Os grupos de escolaridade se diferenciaram quanto à flexibilidade interpessoal e ao altruísmo.
Pinho, Falcone, & Sardinha, 2016	O papel preditivo da habilidade empática sobre o perdão interpessoal.	Avaliar o valor preditivo da empatia sobre o perdão, a partir de medidas de autorrelato multidimensionais.	172 Indivíduos, 68% (n=117) mulheres e 32% (n=55) homens, idades de 18 a 76 anos.	Análises de regressão indicaram que três fatores empáticos: Tomada de Perspectiva, Sensibilidade Afetiva e Altruísmo, foram preditores do perdão, nas dimensões tanto afetiva quanto comportamental.
Pinho & Falcone, 2017	Relações entre empatia, resiliência e perdão interpessoal.	Investigar o valor preditivo da empatia, da resiliência e da mágoa sobre o perdão	167 Indivíduos, 73,7% mulheres e 21,3% homens, idades entre 18 a 68 anos.	Verificou-se que a empatia e resiliência predisseram diretamente o perdão, enquanto a mágoa inversamente. Os resultados sugerem que os níveis de mágoa, resiliência e empatia podem ter influência sobre a experiência de perdoar.
Ribeiro, Pinho, & Falcone, 2011	A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal.	Avaliar a influência da raiva e da expressão de empatia no casamento sobre a satisfação conjugal.	120 Indivíduos casados, 50% (n= 60) homens e 50% (n= 60) mulheres, idades entre 25 a 76 anos.	Os resultados apontaram correlação positiva entre empatia conjugal e satisfação conjugal. As análises de regressão múltipla indicaram que a expressão de empatia aumenta e a raiva disfuncional diminui a satisfação conjugal.
Rodrigues & Ribeiro, 2011	Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo	Investigar diferenças no grau de habilidades empáticas e de gênero em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo.	40 Crianças, 48% (n= 19) meninas e 52% (n= 21) meninos, idade de 7 anos	O programa implementado apresentou possível contribuição indiretamente para o desenvolvimento das capacidades empáticas infantis
Rodrigues & Da Silva, 2012	Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil.	Relatar uma pesquisa-intervenção realizada com 36 crianças	36 Alunos, 55,6% (n= 20) meninas e 44,6% (n= 16) meninos, idades entre 5 e 6 anos	Os resultados comparativos das etapas de pré e pós-avaliação do programa indicam um incremento das habilidades empáticas.
Rodrigues, Peron, Cornélio, & Franco, 2014	Implementação e avaliação de um Programa de Desenvolvimento da Empatia em estudantes de Psicologia.	Implementar e avaliar o efeito de um programa de desenvolvimento da empatia	14 Mulheres, média de 21,9 anos	Os resultados quantitativos indicaram melhorias nos fatores do IE: Tomada de perspectiva, Sensibilidade afetiva, Flexibilidade interpessoal e Altruísmo.

Sampaio, Camino, & Roazzi, 2010	Produtividade, necessidade e afetividade: justiça distributiva e empatia em jovens brasileiros	Investigar se a empatia influencia significativamente as decisões distributivas de jovens	107 Jovens, 51% (n=55) mulheres e 49% (n=52) homens, idades de 14 a 20 anos	Observou-se que as dimensões afetivas da empatia influenciaram a distribuição de dinheiro entre os personagens da situação-problema.
Sampaio, Teixeira-Araújo, Lira, & Moreira, 2019	Empatia e Respostas Hemodinâmicas e Autonômicas Cardíacas	Verificar associação entre medidas de empatia e variações nos indicadores de pressão arterial, frequência cardíaca, duplo produto e variabilidade da frequência cardíaca em jovens adultos, após sua exposição a situações-estímulo.	21 Indivíduos, 57% (n=12) mulheres e 43% (n=9) homens, idades entre 18 a 25 anos	Os resultados indicam que indicadores hemodinâmicos e autonômicos cardíacos estiveram associados a componentes da empatia situacional e da empatia constitucional.
Silva, Pereira, & Baltieri, 2020	Empathy and Sexual Impulsiveness among Medical Students Who Admit to SextingPartners' Intimate Images	Verificar diferenças empáticas entre aqueles que praticam sexting dentro de um relacionamento consensual e os que, não consensualmente, disseminam imagens íntimas do(a) parceiro(a) para terceiros	202 Estudantes de medicina, 64% (n=129) mulheres e 36% (n=73) homens, 18 anos ou mais	O grupo que admitiu engajar-se em sexting demonstrou maior impulsividade sexual e menor desconforto do que aqueles que negaram a prática. Apenas os estudantes que admitiram compartilhar imagens íntimas do(a) parceiro(a) mostraram menor preocupação empática (empatia afetiva) e tomada de perspectiva (empatia cognitiva) do que o grupo que negou praticar sexting.
Viana-Meireles et al., 2018	Desenvolvimento de instrumento de avaliação da empatia para treinadores esportivos	Relatar o desenvolvimento de um instrumento de avaliação da empatia em treinadores esportivos.	70 Treinadores esportivos, 26% (n=18) mulheres e 74% (n=52) homens	Verificou-se que o instrumento se mostrou adequado para ser usado em diferentes modalidades e permitiu avaliar a postura empática dos treinadores.
Wagner, Piccinini, Piccinini, & Patias, 2019	Empatia, sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores do Ensino Superior.	Caracterizar a empatia e a presença de sintomas depressivos, de ansiedade e de estresse em professores do Ensino Superior, e identificar correlações entre esses construtos.	50 Professores, 58% (n=29) mulheres e 42% (n=21) homens, de 25 a 57 anos	Constatou-se que variações no humor ocasionam alteração nos componentes da empatia.

Seis estudos tiveram por objetivo a validação, consolidação ou verificação teórica de instrumentos psicométricos de empatia destinados a adultos (Falcone et al., 2013; Formiga, 2015; Formiga et al., 2013, Formiga & Souza, 2012; Miguel, et al., 2018; Viana-Meireles et al., 2018) e o um destinado ao público infantil (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014). Em relação às limitações metodológicas destes, cabe citar que Formiga (2015) faz referência a um instrumento não identificado na metodologia do estudo.

Onze trabalhos estudaram correlações da empatia com fatores da experiência humana, tais como: habilidades sociais, crenças sobre amor e satisfação conjugal (Barros, Soares & Hernandez, 2019), comportamentos de *sexting* e divulgação de imagem íntima do parceiro (Silva, Pereira, & Baltieri, 2020), perdão interpessoal (Pinho, Falcone, & Sardinha, 2016; Pinho & Falcone, 2017), idade e escolaridade (Pinho, Fernandes, & Falcone, 2011), decisões distributivas (Sampaio, Camino, & Roazzi, 2010), autoconsciência e duas formas de preocupações morais (Moreira, DeSouza, & Guerra, 2018), raiva com satisfação conjugal (Ribeiro, Pinho, & Falcone, 2011) e empatia com esquemas iniciais desadaptativos (Berlitz & Pureza, 2018), variações de indicadores de pressão arterial, frequência cardíaca e duplo produto (Sampaio, Teixeira-Araújo, Lira, & Moreira, 2019) e personalidade (Aguiar, Formiga, & Cantinilo, 2017). Alguns estudos merecem destaque. O estudo de Sampaio et al., (2019) foi o único a utilizar instrumentos com medidas fisiológicas para avaliar e postular a diferenciação da empatia disposicional e situacional. Por sua vez, Aguiar, Formiga e Cantinilo (2017) estudaram associações entre empatia e personalidade sob a ótica da Teoria dos cinco Grandes Fatores encontrando diversas correlações entre eles e a empatia. Tal estudo se sobressai por conta de ser um dos únicos que trata a empatia como uma característica de personalidade, além dele apenas os estudos de Moreira, Souza & Guerra (2018) e Sampaio et al., (2019).

Quatro estudos utilizaram metodologia de tipo intervenção visando avaliar possíveis resultados de implementação de programas para desenvolvimento e aprimoramento da empatia (Motta et al., 2017; Rodrigues & Ribeiro, 2011; Rodrigues & Silva, 2012; Rodrigues, Peron, Cornélio, & Franco, 2014). Em relação às limitações metodológicas deles, os quatro artigos apresentam um número reduzido de amostragem, e três não possuíam Grupos Controle (Motta et al., 2017; Rodrigues et al., 2014; Rodrigues & Silva, 2012). Motta et al. (2017) citam a utilização de um instrumento sem referenciá-lo como validado para a população brasileira e não apresenta o sexo da população estudada, Rodrigues e Silva (2012) e Rodrigues e Ribeiro (2011) utilizam um instrumento que não foi validado para sua população

alvo e não se explicou se o aumento aferido pelos instrumentos não se deveu à viés de aprendizado.

Há ainda um estudo com relação à empatia em cuidadores de idosos (Lampert, & Scortegagna, 2018) e um trabalho sobre empatia e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários (Wagner et al., 2019), ambos apesar da amostra reduzida, média de 30 por estudo, com resultados positivos. Por fim apenas dois estudos foram realizados de maneira *online*, (Miguel et al., 2018; Moreira, Souza, & Guerra, 2018).

Cabem se apontar outras limitações, (1) dezessete estudos apresentaram seleção e distribuição da amostragem em apenas um estado (Aguiar, Formiga, & Cantinilo, 2017; Barros, Soares & Hernandez, 2019; Berlitz, & Pureza, 2018; Falcone et al., 2013; Formiga et al., 2013; Lampert, & Scortegagna, 2018; Motta et al., 2017; Pinho et al., 2011; Pinho et al., 2016; Ribeiro et al., 2011; Rodrigues, & Ribeiro, 2011; Rodrigues, & Silva, 2012; Rodrigues et al., 2014; Sampaio et al., 2010; Sampaio, Teixeira-Araújo, Lira, & Moreira, 2019; Silva, Pereira, & Baltieri, 2020; Wagner et al., 2019). (2) Dois estudos apresentaram amostra exclusivamente de um sexo (Rodrigues et al., 2014; Lampert & Scortegagna, 2018). (3) Seis estudos apresentaram tamanho reduzido da amostra (menos de 50 indivíduos), inviabilizando generalizações significativas (Lampert & Scortegagna, 2018; Motta et al., 2017; Rodrigues, & Ribeiro, 2011, Rodrigues, & Silva, 2012; Rodrigues et al., 2014; Sampaio et al., 2019). (4) Oito trabalhos não apresentaram código emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de suas instituições (Aguiar et al., 2017; Falcone et al., 2013; Formiga & Souza, 2012; Formiga, 2015; Formiga et al., 2013; Pinho et al., 2011; Sampaio et al., 2010; Silva, Pereira, & Baltieri, 2020). (5) Nove estudos não apontaram explicitamente suas limitações (Aguiar et al., 2017; Barros, Soares, & Hernandez, 2019; Kirst-Conceição & Martinelli, 2014; Formiga, 2015; Formiga & Souza, 2012; Formiga et al., 2013; Rodrigues & Ribeiro, 2011; Ribeiro et al., 2011; Viana-Meireles et al. 2018). (6) Dois estudos onde não foram relatados quantos homens e mulheres participaram (Motta et al., 2017; Pinho et al., 2011).

Conclusões

Nestes dez anos muitos foram os estudos que utilizaram correlações como forma de mensuração. Observou-se um maior número de participantes do grupo feminino, o que pode indicar um viés de amostragem, mas ao mesmo tempo sugerir uma tendência maior desse público de participar voluntariamente em pesquisas relacionadas a essa temática. Além disso,

há uma tendência a utilizar amostras reduzidas e regionalizadas, o que inviabiliza inferências amplas ou generalizações para populações que não as estudadas.

Ao se debruçar sobre escritos acerca da empatia, havia a expectativa de que os estudos contemplassem de maneira relativamente equilibrada e homogênea a população brasileira, algo que se mostrou. Ainda que a pesquisa *online* tenha se tornado cada vez mais comum, esse procedimento foi pouco utilizado na década estudada o que pode ter ajudado para os resultados tivessem dificuldades em serem generalizados. Na medida em que o procedimento de coleta de dados *Online* for mais empregado maiores as possibilidades para a ampliação das amostras e generalização dos resultados.

A presente revisão identificou problemas metodológicos em diversas pesquisas. Algumas não caracterizaram bem suas amostras, o que dificultou análises comparativas, em outras não constava nem ao menos o código com a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa de suas instituições. Constata-se que um maior cuidado em detalhes mínimos poderia importante para o desenvolvimento de pesquisas nesta área. Ressalta-se, também, que apesar da pertinência e atualidade do tema, esta revisão identificou que poucos instrumentos foram criados, ou aprimorados, nestes últimos dez anos. Isto indica que a construção de novos instrumentos relacionados ao tema pode permitir análises mais precisas e atualizadas acerca da empatia.

Limitações do estudo.

Uma limitação diz respeito ao corte temporal de 10 anos (2010-2020). Recomenda-se que estudos futuros ampliem o escopo de busca nas bases indexadas e o corte temporal, incluindo outros tipos de pesquisas ou documentos relativos à temática. Não houve conflito de interesses por parte dos autores.

2 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INVENTÁRIO BRASILEIRO DE EMPATIA PARA ADOLESCENTES (IBE-A)²

CONSTRUCTION AND VALIDATION OF THE BRAZILIAN EMPATHY INVENTORY FOR ADOLESCENTS (IBE-A)

Otávio Vendramin dos Santos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)¹

Angela Josefina Donato Oliva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)²

José Augusto Evangelho Hernandez (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)³

¹ Psicólogo (PUCRS), Especialista em Terapias Cognitivo-Comportamentais (WAINER) mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto de Psicologia da mesma instituição. Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Professor Dr. Do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia e Coordenador do Laboratório de Medidas da Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Este artigo está em processo de submissão na revista Avaliação Psicológica.

Resumo

Empatia é um conceito amplo, se refere às reações cognitivas e emocionais às experiências observadas de outra pessoa. Ter empatia aumenta a probabilidade de mostrar compaixão e ajudar os outros. Na adolescência, esta capacidade psicológica é, também, muito importante. Entretanto, existem poucos instrumentos no Brasil para avaliar empatia nesta população. Os instrumentos mais utilizados apresentam algumas lacunas como termos vagos, itens com mais de uma variável e possíveis equívocos conceituais. Por conta disso, foi desenvolvido o Inventário Brasileiro de Empatia, para adolescentes de 13 a 17 anos, com vistas a solução dessas lacunas. Após pesquisa literária, foram construídos 111 itens os quais foram submetidos às análises semânticas de cinco juízes e de integrantes do público alvo. Os itens remanescentes foram, online, submetidos à avaliação de 610 adolescentes, de ambos os sexos e diversas regiões brasileiras. Os escores foram analisados por meio de Análise Fatorial Exploratória e os resultados revelaram uma solução fatorial de dois fatores, Empatia Afetiva e Empatia Cognitiva, com 34 itens. Os índices de consistência interna obtidos variaram de 0,88 a 0,95. Conclui-se que a medida de empatia criada para adolescentes brasileiros apresentou adequadas evidências de validade e fidedignidade.

Palavras-Chaves: Empatia; Adolescente; Psicometria.

Abstract

Empathy is a broad concept, it refers to cognitive and emotional reactions to another person's observed experiences. Having empathy increases the likelihood of showing compassion and helping others. In adolescence, this psychological capacity is also very important. However, there are few instruments in Brazil to assess empathy in this population. The most used instruments have some gaps such as vague terms, items with

more than one variable and possible conceptual misunderstandings. As a result, the Brazilian Empathy Inventory was developed for adolescents aged 13 to 17, with a view to solving these gaps. After a literary research, 111 items were constructed and submitted to semantic analysis by five judges and members of the target audience. The remaining items were submitted online to 610 adolescents of both sexes and different Brazilian regions for evaluation. The scores were analyzed using Exploratory Factor Analysis and the results revealed a factorial solution of two factors, Affective Empathy and Cognitive Empathy, with 34 items. The internal consistency indices obtained ranged from 0.88 to 0.95. It is concluded that the measure of empathy created for Brazilian adolescents presented adequate evidence of validity and reliability.

Keywords: Empathy; Adolescent; Psychometry

Introdução

Empatia vem da palavra grega *empathia* que significa “paixão” ou “ser afetado” e foi inicialmente traduzida do alemão *Einfühlung* para o termo em inglês *empathy*, pelo psicólogo Edward Titchener (Lanzoni, 2018). Atualmente, ainda que seja um termo relativamente popular, não há uma única definição do construto (Cuff, Brown, Taylor, & Howat, 2014). Alguns autores a definem como “um processo passivo de aquisição de informação” (Van Der Weele, 2011, p. 586), enquanto outros a concebem como uma “reação ao observar as experiências de outrem” (Davis, 1983, p. 114). Ainda que exista uma miríade de definições possíveis é generalizado o consenso de que a empatia seja, ao menos, bidimensional, tendo uma dimensão afetiva e uma dimensão cognitiva (Watson et al., 2021).

A dimensão afetiva da empatia se refere a uma resposta emocional congruente e automática experimentada ante as experiências emocionais alheias, isto é, em algum nível, sentir o que outra pessoa sente (Cuff et al., 2014). É importante, entretanto, separar a empatia do contágio emocional, pois enquanto na empatia há uma diferenciação entre os sujeitos, no contágio emocional essa característica não está, necessariamente, presente (Mafessoni, & Lachmann, 2019).

A empatia afetiva pode derivar em simpatia, ou preocupação empática, caracterizadas como sentimentos de pena e de preocupação orientados aos demais (Van der Graaf, 2014). Também pode derivar em angústia pessoal, uma reação aversiva, aut centrada frente à emoção de alguém (Israelashvili, Sauter, & Fischer, 2020).

A empatia tem em sua base um processo de mimetismo inconsciente já amplamente abordado na literatura (Iacoboni, 2008; Israelashvili et al., 2020; Preston & de Waal, 2002). Quando observarmos alguém demonstrando uma emoção tendemos, em níveis subliminares, a imitar em nosso próprio corpo tal emoção. Ao vermos alguém emitindo algum comportamento ou reação emocional, em algum nível, espelhamos em nós o que o outro parece comunicar. Esse processo é automático, inato, e está sob controle de determinadas áreas cerebrais (Menegatti, Moscatelli, Brambilla, & Sacchi, 2020).

A dimensão cognitiva da empatia pode ser definida como a capacidade de compreender como as outras pessoas entendem uma situação, apreender uma outra perspectiva (Decety, Meidenbauer, & Cowell, 2018). Seu conceito é similar ao conceito de Teoria da Mente (Wellman, 2018) e ainda que existam autores que tomam ambos os

conceitos como sinônimos (Colman, 2009; Falcone et al., 2008), tal posição não é unânime.

Na empatia cognitiva também é importante que o indivíduo tenha uma diferenciação de *Self* e perceba as emoções vindas do outro como emoções diferentes, em certa medida, das suas (Bukowski et al., 2020). Essa capacidade de atribuição é fundamental para que o indivíduo consiga, mesmo compartilhando cognitivamente emoções com outras pessoas, não ser “afogado” pelas emoções dos demais. Na empatia há um reconhecimento do outro indivíduo como alguém similar nós e ao mesmo tempo diferente, algo importante para separar o processo empático do contágio emocional.

A adolescência é um período complexo com muitas mudanças sociais e morfológicas (Papalia, & Feldman, 2013). Tanto a nível interno, como maturação sexual e processos psicológicos de individuação, quanto nas relações sociais, muitas são as mudanças que o adolescente passa. Neste cenário a Empatia desempenha um papel importante já que se correlaciona qualidade tanto no apego entre pares (Llorca-Mestre, Samper-García, Malonda-Vidal, & Cortés-Tomás, 2017) quanto em amizades (Meuwese, Cillessen, & Güroğlu, 2017) além de predizer capacidades sociais na vida adulta (Allemand, Steiger, & Fend, 2015). Por conta disso a possibilidade aferição deste constructo pode ter significativa influência na vida do jovem (Van der Graaff, 2014), tanto em sua saúde mental quanto na qualidade de suas relações.

Como apontam Machado e Calvetti (2019) ainda que o construto empatia seja importante, há poucos instrumentos de medidas validados para a realidade brasileira, e menos ainda para o público infanto-juvenil. Há, atualmente, apenas três ferramentas voltadas exclusivamente para o público de crianças e jovens no Brasil: a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) (Davis, 1980, adaptado por Koller, Camino e Ribeiro, 2001), Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes de Bryant (EECA) (Davis, 1983, adaptado por Koller, Camino e Ribeiro, 2001) e a Escala de Empatia Infantojuvenil (EEmpa-IJ) de Kirst-Conceição e Martinelli (2014).

Em relação ao EMRI, este apresentou consistência interna satisfatória em seus fatores, sendo apontado como um instrumento confiável (Koller et al., 2001). Entretanto, alguns problemas devem ser apontados. Primeiramente, uma de suas subescalas *Personal Distress* parece apontar para aspectos de regulação emocional e não empatia. Itens como “Eu tendo a perder o controle em durante emergências” e “Geralmente sou muito efetivo para lidar com emergências” relatam um comportamento em situações estressantes, mas não um processo empático. Embora autorregulação seja

importante para empatia (Decety & Jackson, 2004), este aspecto retrata como a pessoa se comporta em relação a ativações afetivas sentidas, e não à experiência de emoções compartilhadas apenas.

Esta subcategoria também apresenta itens com termos vagos, tais como “situação emocional tensa” e “situação muito emotiva”. A ausência de uma definição clara destes termos pode gerar confusão entre os respondentes enviesando seus resultados. Além disso, a definição desse constructo dada pelo autor original desse instrumento como um sentimento “auto-orientado de ansiedade pessoal e descaso em situações interpessoais tensas” (Davis, 1983, p. 114), difere da noção abordada neste estudo como empatia. Ainda que alguns autores apontem estes sentimentos auto-orientados como um uma possível derivação do sentimento empático (Zang et al., 2020) eles seriam derivados do processo empático, não configurando como empatia *per se*.

Outra questão, é que alguns itens da escala EMRI podem medir itens relacionados à empatia, sem medi-la precisamente. Itens como “Quando vejo alguém sendo logrado sinto vontade de protegê-lo” e “Às vezes não lamento muito por outras pessoas que estão tendo problemas” apontam para aspectos de simpatia e não empatia. Apesar de possível intercambio conceitual, a diferença entre os dois conceitos se centra em “sentir *como* e sentir *pela* pessoa (Hein & Singer, 2008, p.157; grifos dos autores). Isto é, por exemplo, um indivíduo ao deparar-se com uma pessoa irritada, a empatia afetiva, fará com que ele fique em algum grau irritado, enquanto a simpatia poderá aliciar-lhe sentimentos de preocupação pela irritação do indivíduo. Isto não significa, porém, que os sentimentos experimentados sejam idênticos aos do emissor, mas haverá alguma congruência entre eles (Hansen et al., 2018).

Além desses pontos, acrescenta-se que alguns itens do EMRI se referem a uma ação ativa e consciente para compreensão dos estados mentais dos sujeitos, mas não necessariamente de suas emoções. Na subescala “Tomada de Perspectiva”, por exemplo, itens como “Antes de criticar alguém, eu tento imaginar como eu me sentiria se estivesse em seu lugar” e “Às vezes tenho dificuldade de ver as coisas do ponto de vista dos outros” relatam processos de tomada de perspectiva de aspectos intelectivos que não necessariamente envolvem aspectos emocionais. Isto é, ainda que a escala busque medir empatia cognitiva, não há em nenhum dos sete itens da subescala, uma afirmação relacionada a estados afetivos específicos dos sujeitos. Apenas um deles cita “(...) eu tento imaginar como me sentiria” e outro “quando estou incomodado com alguém (...)”.

Em relação ao instrumento EECA, este também possui alguns pontos a serem elencados. Com relação ao vocabulário, são usados, como no EMRI e EEMPA-J, termos possivelmente vagos. Palavras como “tola” e “aborrecido”, e suas variações, aparecem em três itens, e podem ser confusas para pessoas jovens, por não terem uma definição específica e também por talvez não serem de seu cotidiano. Outro ponto a ser mencionado é que itens como “Meninas que choram porque estão felizes são tolas” e “Adultos as vezes choram mesmo quando eles não têm motivos para estarem tristes” relatam um julgamento moral, não necessariamente um processo empático. Itens como estes apontam para interpretações acerca de fenômenos, sejam eles em relação a outras crianças como no exemplo: “Crianças que não tem amigos, provavelmente não querem ter” seja com outros seres: “É bobagem tratar cachorros e gatos como se eles tivessem sentimentos humanos”. Tais interpretações são julgamentos de ordem moral acerca de tópicos e não empatia, pois não há contradição entre alguém ter empatia e ao mesmo tempo acreditar não ter muito valor determinada atitude ou opinião.

Além disso, um dos itens “Às vezes, choro quando assisto TV”, não relata nenhuma forma de empatia, visto que a reação emocional pode ser derivada de uma miríade de questões (tais como ter visto a morte de alguém significativo, uma outra notícia entristecedora ou mesmo o resultado adverso em alguma partida esportiva). Não há necessidade de correlação entre o ato de ver televisão e chorar, ou rir, ou irritar-se, e o espectro da empatia. Algo semelhante ocorre com o item “Algumas canções me deixam tão triste que eu sinto vontade de chorar onde o motivo do choro pode ser, por exemplo, porque o sujeito se lembrou uma pessoa significativa, talvez ele já estivesse triste antes de ouvir a música ou mesmo que ela poderia estar correlacionada com uma situação entristecedora vivida há anos. Em todos os casos não se trata de empatia.

O EECA também em dois momentos agrega duas variáveis em um mesmo item. Os itens “Eu acho engraçado quando alguma pessoa chora durante um filme triste *ou* quando está lendo um livro triste” e “É bobagem tratar cachorros e gatos como se eles tivessem sentimentos humanos” (grifo nosso) assinalam para suas variáveis em um mesmo tópico o que dificulta uma resposta precisa (Pacico, 2015). Além do exposto, o EECA apresenta itens de escolhas dicotômicas, o que é incomum na comparação com outros testes (Machado & Calvetti, 2019) e o que torna tanto mais suscetível a respostas ao acaso quanto restringe algo complexo como a empatia a escolhas binárias.

Em relação à EEMPA-J, esse instrumento ainda necessita de estudos adicionais na subescala de Flexibilidade Interpessoal, por não haver apresentado resultados

satisfatórios. Entretanto outras questões também merecem ser comentadas. Primeiramente, a escala possui itens como “Quando vejo alguém ser humilhado, sinto pena.” e “Fico triste quando vejo alguém gritar com outra pessoa” que não retratam a empatia em sua característica de compartilhamento de emoções congruentes, mas sim sentimentos como compaixão ou ternura. Especificamente em relação à ternura, alguns autores sugerem que ela é um sentimento “expansivo, "caloroso e confuso", muitas vezes provocado por pessoas delicadas e indefesas” (Lishner, Batson, & Huss, 2011, p. 615). Um indivíduo necessitado pode nos eliciar sentimentos de cuidado e proximidade, mas isto é secundário ao processo empático, e se não é acompanhado de uma emoção similar ao objeto, não pode ser caracterizado como empatia (Cuff et al., 2014).

Outro ponto a ser citado é em a existência de itens com terminologias não muito claras “coração mole” e reações emocionais não necessariamente vinculadas à empatia “Choro quando vejo algo triste na televisão”. Por fim, não houve contrabalanceamento nas respostas, o que pode ter propiciado um viés de aquiescência.

A EEMPA-J abordou uma população ampla e jovem, 9 a 16 anos, concentrando-se em duas cidades, Campinas/SP e Almirante Tamandaré/PR, já o EMRI e ECAA foram validados com a mesma população, de adolescentes de 14 a 16 anos também em apenas duas cidades, (Porto Alegre/RS e João Pessoa/PB), o que pode, de alguma maneira enviesar a amostra. Já que amostras pequenas ou regionalizadas tendem a ser mais difíceis de generalizar para a população total. Pretendeu-se, neste trabalho ampliar o número de respondentes, cidades e estados contemplados, além de evitar os problemas supracitados.

Em virtude dessas limitações, percebeu-se a necessidade de desenvolver, para população infanto-juvenil, um Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A). Neste instrumento utilizou-se a definição ampla e complexa de empatia proposta de Cuff et al. (2014) como sendo uma resposta emocional (afetiva),

dependente da interação entre capacidades de traço e influencias de contexto. Processos empáticos são eliciados automaticamente, mas também são modelados por processos de controle *top-down*. A emoção é similar àquela percebida (diretamente experimentada ou imaginada) e o entendimento empatia cognitiva do estímulo emocional, com reconhecimento de que a fonte da emoção não é o próprio sujeito” (p. 16).

Diante das lacunas elencadas, justifica-se a construção e validação de um instrumento brasileiro para avaliação da empatia no público adolescente.

Método

Procedimentos Éticos

O presente projeto foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino a qual está vinculado mediante o parecer nº 39663420.4.0000.5282. Todos os responsáveis e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento, respectivamente, que incluiu o objetivo da pesquisa e as regras que asseguram o anonimato e a possibilidade de retirada de seu consentimento a qualquer momento, tal como orienta a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Construção e Validade de Conteúdo da IBE-A

Para a construção do instrumento, foram elaborados 111 itens com base na literatura sobre a temática (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004; Jolliffe & Farrington, 2006; Kirst-Conceição & Martinelli, 2014; Koller et al., 2001; Overgaauw, Rieffe, Broekhof, Crone, & Güroğlu, 2017; Raine & Chen, 2018) e na definição de construto elaborada neste estudo. Após a construção dos itens, cinco juízes independentes, doutores em Psicologia, julgaram cada um dos itens em três dimensões “Relevância Prática”, Relevância Teórica” e “Clareza de Linguagem”, por meio de uma escala tipo Likert de cinco pontos. Foi avaliado o quanto os juízes concordaram acerca da qualidade dos itens nas dimensões citadas. Nos resultados, os 68 itens que atingiram uma pontuação de concordância mínima de 75% foram mantidos e os restantes excluídos.

Neste processo, os itens receberam as mudanças e aperfeiçoamentos sugeridos pelos juízes. Após, os itens remanescentes foram avaliados por um grupo piloto (com características do público alvo) para verificação semântica dos mesmos. Durante esta etapa, novas sugestões de alterações foram coletadas e os itens reformulados.

Concluindo o processo de validação de conteúdo, o conjunto de itens foi, novamente, submetido ao escrutínio de outros três juízes doutores em Psicologia, que se

basearam nas dimensões de “Relevância Prática”, Relevância Teórica” e “Clareza de Linguagem”. Finalmente, com todas as modificações efetuadas, o inventário ficou com 40 itens e foi encaminhado para a testagem empírica com a população alvo.

Participantes

Participaram deste estudo 610 adolescentes, sendo 323 meninas (52,95%) e 287 meninos (47,05%), com idades de 13 a 17 anos ($M= 15,25$; $DP= 1,28$). Em relação às regiões do Brasil, foram 249 (40,82%) do Sudeste, 145 (23,77%) do Nordeste, 109 (17,87%) do Sul, 57 (9,34%) do Norte e 50 (8,20%) do Centro-Oeste. A maioria possuía religião 61,80% ($n= 377$) a 38,20% ($n= 233$). O tamanho das famílias dos respondentes variou principalmente entre um e dois irmãos, filhos únicos 14,75% ($n= 90$), um irmão ou irmã 32,95% ($n= 201$), dois irmãos ou irmãs 26,39% ($n= 161$), três irmãos ou irmãs 10,49% ($n= 64$), quatro irmãos ou irmã 6,07% ($n= 37$), cinco irmãos ou irmãs 5,74% ($n= 35$), seis ou mais 3,61% ($n= 22$). A renda familiar foi, majoritariamente, de até dois salários mínimos 57,38% ($n= 350$).

Instrumentos

A nova medida denominada Inventário de Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A) utilizado contou com 40 itens teoricamente distribuídos em dois fatores: Empatia Cognitiva (20 itens) e Empatia Afetiva (20 itens). Metade dos itens foi redigida de forma negativa (sentido oposto ao construto) e metade, positiva. Este procedimento visou controlar possível viés de aquiescência. Os participantes forneceram suas respostas por meio de uma escala tipo Likert de cinco pontos, indo desde “Não tem **nada** a ver comigo” até “Tem **tudo** a ver comigo”.

Coleta de Dados

A pesquisa deu-se de forma virtual, com o inventario hospedado na plataforma *Survey Monkey*®, entre os meses de maio e junho de 2021 com participantes sendo convidados por meio do contato com escolas e convites em redes sociais tais como *Facebook* e *Instagram*. Os critérios para participação eram: ser brasileiro, ser alfabetizado e ter de 12 a 17 anos. Em decorrência da baixa de taxa de respostas à pesquisa, participantes de 12 anos de idade foram excluídos.

Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio de Análise Fatorial Exploratória (AFE) pelo *software Factor Analysis* versão 10.10.03 (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2017). Para auxiliar na tomada de decisão quanto ao número de fatores a reter foi usada a análise paralela baseada em *Minimum Rank Factor Analysis* (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011). O método de extração empregado foi o *Minimum Rank Factor Analysis* (MRFA, (ten Berge, & Kiers, 1991) numa matriz de correlações policóricas com rotação Promin. A fidedignidade foi verificada por meio do Alfa de Cronbach, Ômega de MacDonaldis e da Confiabilidade Composta.

Resultados

O exame da distribuição multivariada dos escores identificou não normalidade, Mardia = 1635,72 (CR = 102,72; $p = 0,000$). A observação da distribuição univariada revelou que a assimetria variou de $-1,44$ até $+0,65$ e a curtose, de $-0,99$ a $+2,33$. Embora esses dados não caracterizem uma violação extrema da normalidade (Finney & DeStefano, 2013), optou-se por realizar a exploração da estrutura fatorial do IBE-A numa matriz de correlações policóricas.

O resultado do Teste de Esfericidade de Bartlett foi $\chi^2 = 6871,3$, $gl = 561$, $p < 0,00001$, e o índice Kaiser Meyer-Olkin, 0,91, classificado como muito bom. Ambos, indicaram a adequação da amostra atual para a execução da AFE.

Tabela 1

Resultados da Análise Paralela

Fatores	% de variância dos dados atuais	% Variância aleatória	média	Percentil 95 da variância aleatória
1	33,3084	5,9405		6.3563
2	19,2044	5,6333		6.0081
3	6.0205	5,3964		5.7283
4	4.7107	5,1849		5.5000

Nota: Foram analisadas as correlações de 500 matrizes policóricas. Método de permutação de dados brutos (Buja & Eyuboglu, 1992).

Inicialmente, a análise paralela baseada em *Minimum Rank Factor Analysis* (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) recomendou a extração de três fatores (Tabela 1). Entretanto, na observação da matriz de fatorial um destes fatores apresentava apenas

itens redigidos de forma negativa com saturação concomitante em dois fatores. De acordo com o projetado teoricamente na construção do instrumento, foi definida uma extração para dois fatores que se mostrou teoricamente adequada.

Uma série de AFEs foi realizada com método *Minimum Rank Factor Analysis* e rotação Promin nos escores de 40 itens. Neste processo, optou-se por excluir 6 itens que não apresentaram cargas fatoriais iguais ou maiores do que 0,50 em nenhum dos dois fatores. Este procedimento é facultado aos pesquisadores, segundo Hair, Babin, Anderson e Black (2018). Assim, foram mantidos 34 itens no IBE-A, todos com cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,50 nos fatores para os quais foram teoricamente construídos e designados. Nenhum dos itens remanescentes apresentou cargas cruzadas com valores acima de 0,30 (Tabela 2).

A solução fatorial extraída com dois fatores, identificados como Empatia Cognitiva e Empatia Afetiva revelou uma variância comum total de 27,7 e comum explicada de 16,37, representando 59,12% da variância comum total. A fidedignidade das dimensões do inventário, representada pela consistência interna e medida pelo Alfa de Cronbach, Ômega de MacDonaldis e Confiabilidade Composta, apresentou valores adequados (Tabela 2).

Tabela 2

Matriz das Cargas Fatoriais e Comunalidades dos itens (h^2)

Itens	F1	F2	h^2
29) Consigo perceber bem como as pessoas se sentem	0,81	0,02	0,84
25) É difícil para mim notar quando alguém está triste	0,79	0,02	0,84
34) Eu reconheço facilmente quando uma pessoa está triste	0,79	0,07	0,85
27) Eu me dou conta rápido quando alguém está com medo	0,75	-0,04	0,90
20) Quando alguém está com medo é difícil para eu perceber	0,75	-0,09	0,81
15) É difícil para mim perceber os sentimentos das pessoas	0,74	-0,02	0,89
24) É difícil perceber quando alguém está alegre	0,73	-0,04	0,88
12) Eu percebo quando alguém está triste antes da pessoa dizer	0,73	0,07	0,83

7) Os sentimentos das pessoas, para mim, são difíceis de perceber	0,72	0,04	0,94
28) Eu percebo quando pessoas a minha volta estão felizes	0,72	0,00	0,86
16) Se eu vejo alguém com medo eu percebo logo	0,71	-0,03	0,86
21) Consigo perceber rápido quando uma pessoa se sente com raiva	0,71	-0,01	0,82
1) Eu percebo rápido como alguém está se sentindo	0,69	0,03	0,78
18) Quando eu vejo alguém com raiva eu me dou conta rapidamente	0,68	0,06	0,75
4) Eu noto a alegria das pessoas mesmo que elas não me falem	0,68	0,01	0,74
30) É difícil eu notar quando alguém está com raiva	0,68	-0,03	0,87
13) Eu tenho dificuldade em notar quando alguém está alegre	0,67	0,00	0,79
10) É difícil perceber quando alguém está com raiva	0,65	-0,02	0,84
5) Tenho dificuldade em perceber quando alguém está com medo	0,61	-0,03	0,74
19) Me entristece estar perto de pessoas tristes	0,02	0,80	0,90
11) As emoções dos outros afetam as minhas emoções	0,08	0,79	0,81
30) Eu sou afetado pelas emoções das outras pessoas	0,04	0,77	0,91
17) Tenho dificuldade de ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim	0,04	0,72	0,90
32) A tristeza das pessoas ao meu redor não afeta como eu me sinto	0,07	0,71	0,81
33) Estar com uma pessoa com medo me deixa com medo também	-0,12	0,68	0,90
26) Os sentimentos das pessoas não influenciam como eu me sinto	0,11	0,67	0,77
2) Estar perto de alguém com medo faz com que eu comece a sentir medo	-0,12	0,65	0,79
9) Não consigo ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim	0,06	0,64	0,83
3) Estar perto de pessoas tristes não afeta como eu me sinto	-0,01	0,62	0,64
22) A raiva de alguém perto de mim não influencia como eu me sinto	-0,11	0,58	0,82
8) Estar perto de alguém com medo não interfere em como eu me sinto	0,01	0,55	0,64
23) Eu fico calmo quando pessoas perto de mim estão	-0,05	0,55	0,72

com medo			
14) Eu fico com raiva perto de pessoas com raiva	-0,20	0,53	0,84
6) Estar com alguém, quando essa pessoa está com raiva, não afeta como eu me sinto	-0,02	0,52	0,59
Correlações			
F2	0,19	1,00	-
Alpha de Cronbach (α)	0,93	0,88	-
Confiabilidade Composta	0,95	0,92	-
Ômega (ω)	0,93	0,88	-
Variância Comum Explicada	9,89	6,48	-
	0,36%	0,23%	-

Nota. F1 = Empatia Cognitiva. F2 = Empatia Afetiva.

Os indicadores da proximidade com a unidimensionalidade apresentaram os seguintes valores: *Unidimensional Congruence (UniCo)* = 0,65; *Explained Common Variance (ECV)* = 0,64; e, *Mean of Item Residual Absolute Loadings (MIREAL)* = 0,36. Conforme Ferrando e Lorenzo-Seva (2018), $UniCo > 0,95$, $ECV > 0,85$ e $MIREAL < 0,30$ sugerem que os dados são essencialmente unidimensionais.

Discussão

O presente estudo construiu e gerou evidências de validade e fidedignidade para uma nova medida de empatia para adolescentes. Neste processo, conforme Pacico (2015), foram realizadas pesquisas sobre o construto na literatura para aprofundamento teórico acerca do mesmo. Em decorrência, foram formulados os potenciais itens representativos dos conceitos. Estes foram submetidos à análise de juízes e a um pequeno grupo de indivíduos pertencentes ao público alvo desta investigação. Em todas as fases desta etapa, evidências de validade de conteúdo foram produzidas para o IBE-A.

A análise paralela baseada em Minimum Rank Factor Analysis (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) recomendou a extração de três fatores, mas uma solução de duas dimensões mostrou-se mais adequada teoricamente. Uma série de AFEs revelou evidências de validade para a estrutura interna da versão final do IBE-A com 34 itens divididos em duas dimensões. Essas dimensões refletem a empatia descrita na teoria

(Cuff et al., 2014; Davis, 1983; Decety et al., 2018). A Empatia Afetiva ficou com 15 itens, 12 deles compreendendo quatro emoções básicas, medo (quatro itens), raiva (três itens), alegria (um item) e tristeza (quatro itens) e outros três, emoções gerais (não especificadas). Destes, sete itens (3, 6, 8, 22, 23, 26, 32) foram redigidos de forma negativa, seus escores devem ser invertidos para a obtenção do resultado final. A Empatia Cognitiva contou com 19 itens, 15 deles referentes às quatro emoções básicas, medo (quatro itens), raiva (três itens), alegria (quatro itens) e tristeza (quatro itens), além de quatro, às emoções gerais. Nesta dimensão, nove itens, também, foram formulados de forma negativa (5, 7, 10, 13, 15, 20, 24, 25, 30) e, igualmente, os escores devem ser revertidos para os cálculos totais.

A avaliação da proximidade da unidimensionalidade (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) apontou para a multidimensionalidade dos dados, reforçando a extração desses dois fatores para o IBE-A. A consistência interna, geralmente, é considerada adequada quando igual ou acima de 0,70 (Hair et al., 2018), o que foi obtido, com folga, para as duas dimensões do instrumento. Portanto, apresentando evidências de fidedignidade para a medida.

Em relação à amostra o IBE-A teve uma amostra maior do que os estudos de EMRI e ECAA (ambos com 320 sujeitos) e que o EEMPA-IJ (201 participantes). Também obteve uma distribuição mais abrangente, em relação ao número de municípios e regiões brasileiras, do que outros instrumentos que medem empatia em adolescentes, todos sendo realizados em apenas duas cidades (Koller et al., 2001; Kirst-Conceição & Martinelli, 2014) enquanto responderam ao IBE-A indivíduos de 336 municípios e de todos os estados da federação mais o distrito federal. Tal dispersão foi importante por ter percentuais próximos aos oficiais do IBGE (2010). Os respondentes desta pesquisa se concentraram percentualmente 40,82% no Sudeste, 23,77% do Nordeste, 17,87% do Sul, 9,34% do Norte e 8,20% do Centro-Oeste em comparação à população de jovens de 42,12% do Sudeste, 27,82% do Nordeste, 14,35% do Sul, 8,31% do Norte e 7,36% do Centro-Oeste segundo o último censo do IBGE (2010). Apesar de apresentar sobre representação das regiões Sul, Norte e Centro-Oeste, e leve sub-representatividade das regiões Sudeste e Nordeste, nenhuma das variações foi maior que 4,5%, oscilando entre 4,05% e 0,84%, o que configura que este estudo foi de fato mais abrangente e condizente com a dispersão e heterogeneidade da população brasileira de adolescentes.

Ainda que, no presente estudo não tenhamos usados esses dados, a amostra também trouxe dados de renda familiar, o que está ausente no estudo de Kris-Conceição

e Martinelli (2014). Koller et al. (2001) apenas intuíram esta informação por conta da escola dos respondentes, privada ou pública. Desta forma, estimaram o maior ou menor poder aquisitivo, menos fidedigna do que a simples pergunta direta sobre renda familiar.

Em relação à consistência interna dos fatores, no estudo atual, a Empatia Afetiva obteve coeficientes de consistência interna de 0,88 a 0,92 superiores aos 0,67 (Koller et al., 2001) referido pela subescala que mede o mesmo fator no EMRI e aos valores de 0,75 e 0,71 encontrados no EEMPA-IJ (Kris-Conceição & Martinelli, 2014). Já o fator Empatia Cognitiva, na pesquisa atual, obteve coeficientes de 0,93 a 0,95, também superiores aos 0,63 da EMRI (Koller et al., 2001) e 0,63 da EMPAJ (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014). A consistência interna da ECAA não foi apresentada por subescalas, apenas por meio dos Alfas Globais (Koller et al., 2001), os quais tanto o inicial quanto o ajustado, 0,67 e 0,74, respectivamente, são inferiores aos valores atuais. Em relação ao Alfa em níveis globais, o EMRI apresentou valor de 0,75, também aos valores obtidos pelo IBE-A.

Cabe ressaltar, que diferentemente dos instrumentos já citados, tais como Falcone et al. (2008), o IBE-A buscou não contextualizar seus itens. Isto se deveu pela tentativa de apreender a reação empática na ausência de variáveis que poderiam causar confusão. Além disso optou-se por usar termos como “uma pessoa” ou “alguém” ao invés de “meus amigos” (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014; Koller et al., 2001) ou “um colega” (Koller et al., 2001) já que o afeto ou opinião que nutrimos por uma pessoa influencia nossa empatia por ela (Menegatti et al., 2020). Dessa forma, há uma maior tendência à empatia com relação a amigos do que com pessoas neutras ou desconhecidas.

Optou-se também, para se referir aos sentimentos, utilizar palavras vinculadas a quatro das emoções básicas. Isto se deve porque se busca diminuir a possível confusão que os itens poderiam causar, dando um tom mais direto e preciso para as afirmações. Assim, ao invés de se utilizar frases como “Me sinto contente perto de pessoas contentes”, preferiu-se; “Fico alegre quando estou próximo a pessoas alegres”. Tal escolha se justifica já que a resposta empática a uma emoção não é necessariamente igual à resposta a outra (Mackes, 2018).

Por fim optou-se por questões que fossem diretas, sem termos como “pena” ou que levassem a possibilidade de que o respondente assinalasse por que seria “o certo a fazer”. Isto é, buscou-se que os itens não se referissem a questões socialmente desejadas

para que não fossem respondidos a partir de uma autoimagem idealizada ou de uma regra moral.

Conclusão

Apesar dos bons resultados algumas limitações devem ser elencadas. Não existe um consenso na literatura sobre o que exatamente significa empatia, então, apesar de estar embasado, teoricamente, este instrumento pode ser criticado por autores que, por ventura, tenham uma noção distinta de empatia. Outro ponto é que por ser um instrumento *online* isto pode ter causado a exclusão de jovens sem acesso à internet.

Por fim uma última limitação é que, em razão de uma prevalência, na literatura brasileira, de um fator conhecido como “Comportamento empático” (Falcone, 2008; Miguel et al, 2018), alguns autores poderiam criticar o IBE-A pela ausência de itens relacionados ao suposto fator. Porém, nem em boa parte da literatura especializada internacional (Cuff, Brown, Taylor, & Howat, 2016; Decety, Meidenbauer, & Cowell, 2018), nem no referencial teórico utilizado neste trabalho, há a presença deste construto. Como já foi colocado, qualquer comportamento teleológico (isto é, em direção a outrem) é, se muito, um produto da empatia e não seu comportamento principal.

Em suma, os resultados obtidos na AFE e na análise de consistência interna indicaram fortes evidências de validade e fidedignidade para a população brasileira de adolescentes na faixa de 13 a 17 anos de idade. Sugere-se que estudos futuros possam confirmar os resultados atuais e ampliar a validade do IBE-A para crianças menores de 13 anos de idade, adultos e idosos.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse relacionado à publicação deste manuscrito.

Agradecimentos

A todos os jovens que participaram da pesquisa e a Jairton Santos do Santos e Zélia Maria Vendramin dos Santos, nada disto existiria sem vocês.

3 DISCUSSÃO

Ambos estudos, a partir de diferentes pontos, se concentraram sobre o tema da empatia e apesar das diferenças tanto nos objetivos quanto na metodologia ambos apresentaram fatos interessantes.

Primeiramente, um dos mais importantes achados da pesquisa de Revisão Sistemática foi ter encontrado apenas um estudo de criação de instrumentos de empatia público jovem (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014). A maioria dos estudos pesquisados trabalhou com amostras mais velhas e concomitante notaram-se possíveis lacunas em alguns processos metodológicos. Seja porque um deles, por exemplo, cita instrumentos no corpo do artigo mas não se aponta sua utilização (Formiga, 2015) ou por estudos experimentais não possuírem grupos-controle (Motta et al., 2017; Rodrigues et al., 2014; Rodrigues & Silva, 2012). Estes pontos foram importantes para que o processo de criação do IBE-A fosse o mais metodologicamente acurado possível e que ele fosse destinado para um público que estava subrepresentado.

À partir da pesquisa de Revisão Sistemática, também percebeu-se a ubíqua utilização de amostras regionalizadas. Isto é, em sua maioria os estudos concentraram-se em um ou dois estados, e em uma ou duas cidades. Até mesmo os estudos de validação de instrumentos (Falcone et al., 2013; Kirst-Conceição & Martinelli, 2014) foram utilizados em amostras regionalizadas e advindas de cidades de porte médio, Almirante Tamandaré, e grande, Campinas e Rio de Janeiro. Apenas o instrumento de Miguel et al (2018) saiu desta lógica ao ser veiculado de forma Online, aumentando a abrangência e pluralidade da amostra. O trabalho de criação do IBE-A foi por este caminho e com isto abarcou todos os vinte e seis estados, mais o Distrito Federal e mais de trezentas e quarenta cidades de todos os tamanhos, indo de mil habitantes até de doze milhões. Isto é importante pois possibilita que a amostra seja de fato representativa do “Brasil Real”. A presente Revisão Sistemática apontou que muitas vezes os estudos sobre empatia são realizados em grandes centros populacionais, fundamentalmente na região sudeste, e por conta disso podem vir a generalizar seus achados como se a população de um país amplo e complexo como o nosso pudesse ser reduzida a duzentas pessoas cosmopolitas e randomicamente selecionadas. Por conta da amplitude amostral pode-se advogar que o IBE-A apesar de estar ainda nas primeiras análises tem robustez tanto estatística quanto amostral.

Um fato percebido pelo trabalho de Revisão Sistemática é que por muitas vezes não é nem mencionado ao se estudar empatia são os fatores sociológicos das amostras estudadas. Estudos se focam em apresentar dados gerais sobre os seus participantes tais como idade, escolaridade e renda familiar porém raramente apresenta dados amplos sobre a situação geral vivida pela amostra. Apesar se serem de regiões e realidades heterogêneas não se pode negar que as condições as quais os respondentes estavam submetidos não eram as mais cotidianas. Um exemplo tácito disto é o fato de que o Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes coletou suas respostas entre os meses de maio a junho de 2021. Meses nos quais o Brasil teve uma média de 1873,5 mortos por dia em decorrência da Covid-19 (G1, 2022) e algo que, provavelmente influenciou sobremaneira na vida dos participantes do estudo.

Outro aspecto relevante que é que o conceito de empatia utilizado na criação do IBE-A (Cuff et al, 2014) é ausente nos estudos revisados na pesquisa de Revisão Sistemática. No trabalho de revisão percebeu-se que, instrumentalmente, o conceito utilizado pelas pesquisas é por vezes vago e em outras inexistente (Barros, Soares, & Hernandez, 2019). Clareza conceitual é importante pois isto evita que ocorram mal-entendidos ou que de alguma forma exista uma confusão nas delimitações e abrangência do fenômeno conceitualizado (de Aguiar, & Correia, 2013). Isto é particularmente visível quando se tratam de conceitos amplos e populares tais como a empatia, como citado no artigo de criação do IBE-A, por vezes ele pode virar sinônimo de diversos sentimentos não correlatos. Por exemplo ao basear-se no conceito de empatia de Cuff et al (2014) como uma correspondência afetiva entre o emissor de uma emoção e outra pessoa, delimita-se, por exemplo que comiseração, pena ou auto-sacrifício não estão incluídos na empatia. Isto ao mesmo tempo que separa o presente inventário de alguns instrumentos encontrados na Revisão (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014; Miguel et al., 2018), aproxima-o de outros de utilização mundial (Jolliffe, & Farrington, 2006).

Outro fato encontrado na pesquisa de Revisão Sistemática também foi uma significativa maioria (75%) dos estudos com presença maior de respondentes femininos. Isto, encontrado primeiramente de forma teórica, foi aferido na prática no estudo de criação do IBE-A. Nele 323 respondentes assinalaram serem do sexo feminino, totalizando 52,95% da amostra e sendo maioria em três faixas etárias (75% de treze anos, 55,3% de quatorze anos, 51,8% de quinze anos) enquanto os participantes com 16 e 17 anos, foram em sua maioria homens, 51,7% e 59,3% respectivamente. Este fenômeno da maior responsividade feminina para pesquisas, por sinal, não é nem

exclusivamente brasileiro, (Mulder & Bruijne 2019) nem está completamente resolvido (Smith, 2009). Uma possível hipótese seria que as mulheres, e como visto pela pesquisa do IBE-A bastante jovens, teriam maior tendência a se engajarem em pesquisas relacionadas a aspectos de cuidado ou saúde de modo geral. Outra hipótese poderia ser que as mulheres seriam menos distractivas que os homens (Trives et al, 2016) e por conta disso seria mais provável que as mulheres finalizassem pesquisas do que homens. Entretanto ambas hipóteses carecem de aprofundamento e falham em explicar o fenômeno.

Cabe também ressaltar que há um baixo número de criação de instrumentos para aferir a empatia. O trabalho de Revisão Sistemática apontou entre os anos de 2010 e 2020 apenas 2 estudos de criação de instrumentos (Kirst-Conceição & Martinelli, 2014; Miguel et al., 2018), sendo ainda que o primeiro com problemas em um de seus fatores. Esta ausência de novos instrumentos pode levar a um problema sério; A uma utilização indiscriminada de instrumentos como visto em Rodrigues e Silva (2012) e Rodrigues e Ribeiro (2011) onde um inventário foi utilizado com uma amostra com a qual não foi validado, o que *a priori* invalidaria ou pelo menos colocaria sob dúvida os resultados

Por fim outra complementação possível entre os estudos é a percepção do número pessoas, entre pesquisadores e voluntários, envolvidos com esta temática no Brasil. Nos trabalhos selecionados pela pesquisa de Revisão participaram ao todo mais de 66 pesquisadores e na confecção do IBE-A participaram, direta ou indiretamente, mais de 15 pessoas. No que se refere a amostras, então o número é ainda mais expressivo. Ao todo os estudos selecionados na primeira pesquisa, Revisão Sistemática, foram compostos por 8894 participantes, o que tende a parecer representativo da população brasileira, apesar da super-representação regional já citada. No que se refere ao trabalho de criação do IBE-A, este contou com 610 participantes, sendo 40,82% do Sudeste, 23,77% do Nordeste, 17,87% do Sul, 9,34% do Norte e 8,20% do Centro-Oeste. Somadas, as amostras dos estudos selecionados pela Revisão sistemática mais do IBE-A totalizam 9504 brasileiros, a população de uma cidade como Rio das Flores no Rio de Janeiro (IBGE, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de diferentes, tanto a pesquisa de Revisão Sistemática quanto a de criação do IBE-A versaram sobre o tema da empatia e possibilitaram uma maior compreensão sobre este constructo. O trabalho de Revisão, por exemplo, encontrou uma predominância de respondentes mulheres algo que se repetiu com a criação do Inventário, onde também houve maior adesão feminina. Tal fato é corroborado pelos estudos de Smith (2009) e de Mulder e Bruijne (2019) que apontaram que mulheres apresentariam maior tendência a responderem pesquisas *Online* do que homens, entretanto sem uma explicação definitiva para o fenômeno. Ao mesmo tempo a primeira pesquisa apontou para um superdimensionamento de amostras do sul e sudeste algo que na segunda pesquisa se procurou evitar.

Outro achado foi a percepção tácita de uma ampla utilização de instrumentos validados com grupos muito específicos, por vezes distintos da amostra da pesquisa em questão, ou que não explicitavam declaradamente sua conceitualização de empatia. Tais pontos foram fundamentais para que, no estudo de criação e validação do IBE-A, se pudesse deixar a amostra o mais representativa possível da realidade brasileira e evidenciar o conceito de empatia utilizado.

Também se percebeu a ausência quase absoluta de estudos com adolescentes e de instrumentos criados para este grupo, algo que motivou a criação do IBE-A. Além disso, percebeu-se também que algumas vezes são cometidos erros simples nas pesquisas sobre empatia, tais como não citar o aval de Comitês de Ética em Pesquisa (Aguiar et al., 2017; Falcone et al., 2013; Formiga & Souza, 2012; Formiga, 2015; Formiga et al., 2013; Pinho et al., 2011; Sampaio et al., 2010; Silva, Pereira, & Baltieri, 2020) ou a não caracterização de amostras (Motta et al., 2017; Pinho et al., 2011), constatação que auxiliou a solidificar o presente estudo.

Em relação a limitações ambos trabalhos versaram sobre um tema que, todavia, não é consensual. Isto pode, em alguns momentos, impelir pesquisadores a compreender empatia de maneira incorreta. Apesar de termos tomado todos os cuidados para que isto não ocorresse, o risco existe. Especificamente em relação ao primeiro estudo outra limitação ocorreu em virtude de que revistas científicas por vezes publicam suas edições em anos seguintes, conservando o ano anterior, fazendo que alguns estudos elegíveis tenham sido publicados após o último processo de pesquisa, o que em parte poderia ser negativo para a revisão como um todo. Além disso, optou-se por um corte temporal específico, dez anos, o que pode enviesar parte dos resultados visto que a empatia é estudada no Brasil há décadas. Ademais esta revisão, por conta de focar-se em artigos publicados também corre o risco de viés de publicação (Sutton, 2009), isto é a tendência em publicações com resultados positivos terem maior chance de serem publicadas do que estudos com desfechos inconsistentes.

Em relação ao segundo estudo, em virtude de ser um instrumento de autorrelato, a limitação se dá porque corre-se o risco de que as respostas dadas pelos participantes não correspondam com suas reais opiniões e ações. Buscou-se mitigar o máximo possível o viés de aquiescência e de desejabilidade social (Valentini, 2017), mas este risco tende a ser iminente ao usar tais instrumentos. Por fim o instrumento foi disponibilizado de maneira *Online*, o que ao mesmo tempo que possibilita uma maior capilaridade do estudo faz com que um grupo grande de possíveis participantes não possam ter acesso ao inventário em virtude de não possuírem internet ou esta ser de má qualidade.

Apesar da importância, o tema da empatia ainda é incipiente no Brasil. Com o primeiro estudo, a revisão Sistemática, percebeu-se que ainda existe um vasto campo de estudo nesta área. Pesquisas posteriores podem revisar quais são os conceitos de

empatia utilizados em estudos sobre este tema no Brasil, também poderia ser interessante que se pesquisasse a produção acadêmica em monografias, dissertações e teses acerca da empatia visto que muitas vezes trabalhos de qualidade não são publicados. Em relação ao segundo estudo ele pode de ser ampliado, tanto através de estudos posteriores, para outras faixas etárias, quanto ser validado para o formato presencial, visto que sua validação ocorreu de forma *Online*, ou mesmo aplicado com outros instrumentos usados para o mesmo fim para análises de Validades Convergentes, entre muitas outras possibilidades.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, C. S., Formiga, N. S., & Cantinilo, A. (2017). Personality traits and empathic abilities: a predictive study on medical students. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 129-138. ISSN 1415-711X.
- Allemand, M., Steiger, A. E., & Fend, H. A. (2015). Empathy development in adolescence predicts social competencies in adulthood. *Journal of Personality*, 83(2), 229–241. <https://doi.org/10.1111/jopy.12098>
- Ameh, P. O., Uti, O. G., & Daramola, O. O. (2019). Empathy among dental students in a Nigerian institution. *European Journal of Dental Education*, 23(2), 135-142. doi: 10.1111/eje.12412.
- Azevedo, S. M. L. D., Mota, M. M. P. E. D., & Mettrau, M. B. (2018). Empatia: perfil da produção científica e medidas mais utilizadas em pesquisa. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 03-23. ISSN 2236-6407.
- Baron-Cohen, S., & Wheelwright, S. (2004). The empathy quotient: na investigation of adults with Asperger syndrome or high functioning autism, and normal sex differences. *Journal of autism and developmental disorders*, 34(2), 163-175.
- Barros, R. S. N. Soares, A. B., & Hernandez, J. A. E. (2019). Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, e180032. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180032>
- Bentler, P. M. (1977). Factor simplicity index and transformations. *Psychometrika*, 42, 277–295. <https://doi.org/10.1007/BF02294054>
- Berlitz, D., & Pureza, J. R. (2018). A relação entre a empatia e os esquemas iniciais desadaptativos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 31-41. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20180005>.

- Bokova, T., & Pluzhnikova, N. (2016). School concept as an instrument of socio-cultural changes in postmodern philosophy of education: from theory to practice. In SHS Web of Conferences (Vol. 29, p. 01012). EDP Sciences. <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195312881.003.0029>
- Buechel, S., Buffone, A., Slaff, B., Ungar, L., & Sedoc, J. (2018). Modeling empathy and distress in reaction to news stories. *Association for Computational Linguistics*, 4758-4765. <http://dx.doi.org/10.18653/v1/D18-1507>
- Buja, A., & Eyuboglu, N. (1992). Remarks on parallel analysis. *Multivariate Behavioral Research*, 27(4), 509-540. https://doi.org/10.1207/s15327906mbr2704_2
- Bukowski, H., Tik, M., Silani, G., Ruff, C. C., Windischberger, C., & Lamm, C. (2020). When differences matter: rTMS/fMRI reveals how differences in dispositional empathy translate to distinct neural underpinnings of self-other distinction in empathy. *Cortex*, 128, 143-161. <https://doi.org/10.1016/j.cortex.2020.03.009>
- Chen, Q., Panksepp, J. B., & Lahvis, G. P. (2009). Empathy is moderated by genetic background in mice. *PloS one*, 4(2), e4387. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0004387>
- Ciarrochi, J., Parker, P. D., Sahdra, B. K., Kashdan, T. B., Kiuru, N., & Conigrave, J. (2017). When empathy matters: The role of sex and empathy in close friendships. *Journal of personality*, 85(4), 494-504. <https://doi.org/10.1111/jopy.12255>
- Cohen, D., & Strayer, J. (1996). Empathy in conduct-disordered and comparison youth. *Developmental Psychology*, 32, 988-998. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.32.6.988>
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. <https://doi.org/10.4324/9780203771587>

- Colman, A. M. (2009). *A dictionary of psychology*. Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acref/9780199534067.001.0001>
- Cornish, M. A., Gyll, M., Wade, N. G., Lanin, D., Madon, S., & Chason K.C. (2020). Does Empathy Promotion Necessarily Lead to Greater Forgiveness? An Experimental Examination. *Current Psychology*, 39(1), 1001–1011. <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9816-8>
- Cuff, B. M., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. J. (2016). Empathy: A review of the concept. *Emotion review*, 8(2), 144-153. <https://doi.org/10.1177/1754073914558466>
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- De Waal, F. B. M., & Preston, S. D. (2017). Mammalian empathy: behavioural manifestations and neural basis. *Nature Reviews Neuroscience*, 18(8), 498–509. <https://doi.org/10.1038/nrn.2017.72>
- De Wied, M., Branje, S. J., & Meeus, W. H. (2007). Empathy and conflict resolution in friendship relations among adolescents. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 33(1), 48-55. <https://doi.org/10.1002/ab.20166>
- Decety, J., & Ickes, W. (Eds.). (2011). *The social neuroscience of empathy*. Mit press. ISBN: 9780262012973
- Decety, J., Meidenbauer, K. L., & Cowell, J. M. (2018). The development of cognitive empathy and concern in preschool children: A behavioral neuroscience investigation. *Developmental Science*, 21(3), e12570. <https://doi.org/10.1111/desc.12570>

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). *Inventario de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Eklund, J. H., & Meranius, M. S. (2021). Toward a consensus on the nature of empathy: A review of reviews. *Patient Education and Counseling*, 104(2), 300-307.
<https://doi.org/10.1016/j.pec.2020.08.022>
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1971). Constants across cultures in the face and emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 17(2), 124–129.
<https://doi.org/10.1037/h0030377>
- Falcone, E. M. O., Ferreira, M. C., da Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., de Assis Faria, C., D'Augustin, J. F., ... & de Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (IE): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 7(3), 321-334. ISSN 2175-3431
- Falcone, E. M. O., Pinho, V. D.de, Ferreira, M. C., Fernandes, C. dos S., D'Augustin, J. F., Krieger, S, ... & Pinheiro, L. C. (2013). Validade convergente do Inventário de Empatia (IE). *Psico-USF*, 18(2), 203-209. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200004>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762-780.
<https://doi.org/10.1177/0013164417719308>

- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: origins, development and future directions. *Psicothema*, 29(2), 236-241.
doi: [10.7334/psicothema2016.304](https://doi.org/10.7334/psicothema2016.304)
- Finney, S. J., & DeStefano, C. (2013). Non-normal and Categorical Data in Structural Equation Modeling. In G. R. Hancock & R. O. Mueller (Eds.), *Structural Equation Modeling: a second course*, (pp.269-314). Greenwich, Connecticut: IAP.
- Florencio, R (2021, agosto 10) 'Saiba como a empatia é despertada no cérebro humano'. [site de jornal] Retirado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/saiba-como-a-empatia-e-despertada-no-cerebro-humano/>
- Foley, R. A., & Lewin, R. (2013). *Principles of human evolution*. John Wiley & Sons.
ISBN: 978-1-118-68799-4
- Formiga, N. S., Rocha, M. C. O., Pinto, A. D. S. S., Reis, D. A. D., Costa, S. M. D. S., & Leime, J. (2013). Fidedignidade da estrutura fatorial da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI). *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(1), 64-79. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2013v4n1p64>
- Formiga, N., & Souza, A. (2012). Tipo de orientação cultural e empatia em brasileiros: verificação de um modelo teórico. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(2), 139-161. ISSN 2236-6407.
- Formiga, Nilton S. (2015). Verificação do modelo fatorial hierárquico do Interpersonal Reactivity Test (IRI). *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 35(88), 214-233. ISSN 1415-711X

- Fox, K.C.R., Muthukrishna, M. & Shultz, S. (2017). The social and cultural roots of whale and dolphin brains. *Nat Ecol Evol*, 1, 1699–1705.
<http://dx.doi.org/10.1038/s41559-017-0336-y>
- Francis, Z., Depow, G., & Inzlicht, M. (2021). Do early birds share their worms? How prosocial behaviour and empathy vary across the day. *Journal of Research in Personality*, 90, 104055. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2020.104055>
- Fuochi, G., Veneziani, C. A., & Voci, A. (2018). Exploring the social side of self-compassion: Relations with empathy and outgroup attitudes. *European Journal of Social Psychology*, 48(6), 769-783. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2378>
- Hair, J. F., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Black, W. C. (2018). *Multivariate Data Analysis*. London: Cengage Learning EMEA.
- Hansen, E. M., Eklund, J. H., Hallén, A., Bjurhager, C. S., Norrström, E., Viman, A., & Stocks, E. L. (2018). Does feeling empathy lead to compassion fatigue or compassion satisfaction? The role of time perspective. *The Journal of psychology*, 152(8), 630-645. <https://doi.org/10.1080/00223980.2018.1495170>
- Hauser, M. D. (1996). *The evolution of communication*. MIT press.
- Iacoboni, M. (2008). *Mirroring people: The new science of how we connect with others*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico: Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade*. Recuperado de <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=0&cod2=&cod3=&frm=piramide>.
- Israelashvili, J., Sauter, D., & Fischer, A. (2020). Two facets of affective empathy: concern and distress have opposite relationships to emotion recognition.

Cognition and Emotion, 34(6), 1112-1122.

<https://doi.org/10.1080/02699931.2020.1724893>

Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006) Development and validation of the Basic

Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29(4), 589–611.

<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>

Juliana Wallauer e Cris Bartis (anfitriãs). (2001 - presente). Empatia tem limite?

[Podcast]. potify. <https://open.spotify.com/episode/6PJDTKybRiXaSfajSik2GP>

Junker, C. R., & Jacquemin, S. J. (2017). How Does Literature Affect Empathy in Students?. *College Teaching*, 65(2), 79-87.

<https://doi.org/10.1080/87567555.2016.1255583>

Kim, A., Keum, S., & Shin, H. S. (2019). Observational fear behavior in rodents as a model for empathy. *Genes, Brain and Behavior*, 18(1), e12521.

<https://doi.org/10.1111/gbb.12521>

Kirst-Conceição, A. C., & Martinelli S. C. (2014). Análises psicométricas iniciais de uma escala de empatia infantojuvenil (EEmpa-IJ). *Avaliação Psicológica*, 13(3), 351-358. ISSN 1677-0471.

Koller, S. H., Camino, C. & Ribeiro, J. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 43-53.

<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300004>

Krznaric, R. (2015). *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Editora Schwarcz - Companhia das Letras.

Kuhn, T. S. (2021). *A estrutura das revoluções científicas*. Guerra e Paz Editores.

Lampert, C. D. T., & Scorteganna, S. A. (2018). Empatia em cuidadores de idosos por meio do Teste Pfister. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 193-205.

Lanzoni, S. (2018). *Empathy: A history*. Yale University Press.

- Leonhardt, S. D., Menzel, F., Nehring, V., & Schmitt, T. (2016). Ecology and evolution of communication in social insects. *Cell*, *164*(6), 1277-1287.
<https://doi.org/10.1016/j.cell.2016.01.035>
- Lishner, D. A., Batson, C. D., & Huss, E. (2011). Tenderness and sympathy: Distinct empathic emotions elicited by different forms of need. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *37*(5), 614-625.
<https://doi.org/10.1177/0146167211403157>
- Llorca-Mestre, A., Samper-García, P., Malonda-Vidal, E., & Cortés-Tomás, M. T. (2017). Parenting style and peer attachment as predictors of emotional instability in children. *Social Behavior and Personality*, *45*(4), 677-694.
<https://doi.org/10.2224/sbp.5363>.
- Lorenzo-Seva, U. (2003). A factor simplicity index. *Psychometrika*, *68*(1), 49-60.
<https://doi.org/10.1007/BF02296652>
- Machado, S. E., & Calvetti, P. Ü. (2019). Instrumentos psicométricos para avaliação da empatia em crianças e adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, *25*(3), 1044-1059. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1677-1168.2019v25n3p1044-1059>
- Mackes, N. K., Golm, D., O'Daly, O. G., Sarkar, S., Sonuga-Barke, E. J., Fairchild, G., & Mafessoni, F., & Lachmann, M. (2019). The complexity of understanding others as the evolutionary origin of empathy and emotional contagion. *Scientific reports*, *9*, 5794. <https://doi.org/10.1038/s41598-019-41835-5>
- Mardia, K. V. (1970). Measures of multivariate skewness and kurtosis with applications. *Biometrika*, *57*, 519-530. <https://doi.org/10.2307/2334770>

- Mehta, M. A. (2018). Tracking emotions in the brain—revisiting the empathic accuracy task. *NeuroImage*, *178*, 677-686.
<https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2018.05.080>
- Menegatti, M., Moscatelli, S., Brambilla, M., & Sacchi, S. (2020). The honest mirror: Morality as a moderator of spontaneous behavioral mimicry. *European Journal of Social Psychology*, *50*(7), 1394-1405. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2670>
- Meuwese, R., Cillessen, A. H., & Güroğlu, B. (2017). Friends in high places: A dyadic perspective on peer status as predictor of friendship quality and the mediating role of empathy and prosocial behavior. *Social Development*, *26*(3), 503-519.
<https://doi.org/10.1111/sode.12213>
- Miguel, F. K., Hashimoto, E. S., Gonçalves, E. R. D. S., Oliveira, G. T. D., & Wiltenburg, T. D. (2018). Estudos de validade do questionário online de empatia. *Trends in Psychology*, *26*, 2203-2216.
<https://doi.org/10.9788/TP2018.4-18Pt>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D.G. & PRISMA Group (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: THE PRISMA Statement *PloS Med*, *6*(7), 1 – 28.
<https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Molano, S. (2021, julho 30) *Empatia em adolescentes começa com bons relacionamentos em casa, diz estudo* [site de jornal]. Retirado de:
[https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/07/17/empatia-em-adolescentes-
comeca-com-bons-relacionamentos-em-casa-diz-estudo](https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/07/17/empatia-em-adolescentes-comeca-com-bons-relacionamentos-em-casa-diz-estudo)
- Moreira, L. V., Souza, M. L.de , & Guerra, V. M. (2018). Self-Perception, Empathy and Moral Self-Concept Predict Moral Concerns in Adults. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *28*, 1 - 8. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2818>

- Motta, D. D. C., Dias, A. P., Carvalho, A. L. N., Castro, R. V. D., Manhães, A. C., Silva, L. G. G., & Santos, K. N. V. D. (2017). Programa para a promoção da empatia em sala de aula. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 122-130. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20170017>
- Mufato, L. F., & Gaíva, M. A. M. (2019). Empatia Em Saúde: Revisão Integrativa *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 9, 2884. <https://doi.org/10.19175/recom.v9i0.2884>
- Mulder, J., & de Bruijne, M. (2019). Willingness of online respondents to participate in alternative modes of data collection. *Surv. Pract*, 12(1), 1-11. <https://doi.org/10.29115/SP-2019-0001>
- Naderi, L., & Nory, A. (2017). The prediction of marital satisfaction of couples in Isfahan based on empathy and forgiveness. *Knowledge & Research in Applied Psychology*, 16(4), 69-75.
- Nogueira, C. C. C., Soares, A. B., Monteiro, M., & Medeiros, H. C. P. (2020). Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas em Estudantes de Enfermagem. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 99-118. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50792>
- Oliva, A. D. *et al.* Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*. 2006, 22, 1, 53-61. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000100007>
- Oliveira, M. L. (2017) *A Empatia em Crianças e Jovens Portugueses*. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Overgaauw, S., Rieffe, C., Broekhof, E., Crone, E. A., & Güroğlu, B. (2017). Assessing empathy across childhood and adolescence: Validation of the

- Empathy Questionnaire for Children and Adolescents (EmQue-CA). *Frontiers in psychology*, 8, 870. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00870>
- Pacico, J. C. (2015) Como é feito um teste? Produção de itens. In. C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.) *Psicometria* (pp. 55-69). Porto Alegre: Artmed.
- Pinho, V. D., & Falcone, E. M. O. (2017). Relações entre empatia, resiliência e perdão interpessoal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 138-146. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20170019>
- Pinho, V. D., Falcone, & Sardinha, A. (2016). O papel preditivo da habilidade empática sobre o perdão interpessoal. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1507-1518. <https://doi.org/10.9788/TP2016.4-17>
- Pinho, V. D., Fernandes, C. S., & Falcone, E. M. de O. (2011). A influência da idade e da escolaridade sobre a experiência empática de adultos. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 11(2), 456-471 <https://doi.org/10.12957/EPP.2011.8384>
- Poresky, R. H. (1990). The Young Children's Empathy Measure: Reliability, validity and effects of companion animal bonding. *Psychological Reports*, 66 (3,1), 931–936. <https://doi.org/10.2466/PR0.66.3.931-936>
- Preston, S. D., & de Waal, F. B. (2002). Empathy: Its ultimate and proximate bases. *Behavioral and Brain Sciences*, 25, 1–20. <https://doi.org/10.1017/s0140525x02000018>
- Promsri, D. C. (2019). Exploring the Association between Empathy and Conflict Management Styles. *Academy of Social Science Journal*, 4(2), 1260-1265. *Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. ISSN: 2456 - 2394

- Raine, A., & Chen, F. R. (2018). The cognitive, affective, and somatic empathy scales (CASES) for children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47(1), 24-37. <https://doi.org/10.1080/15374416.2017.1295383>
- Ramos, E. M., & do Nascimento, V. A. (2019). O resgate da empatia no profissional de saúde no brasil em cuidados paliativos: uma revisão sistemática. *Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES)*, 5(1).
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. <https://doi.org/10.1177/01466216970212006>
- Rezayat, A. A., Shahini, N., Asl, H. T., Jarahi, L., Behdani, F., Shojaei, S. R. H., & Abadi, J. S. A. (2018). Empathy score among medical students in Mashhad, Iran: study of the Jefferson scale of physician empathy. *Electronic physician*, 10(7), 7101–7106. <https://doi.org/10.19082/7101>
- Ribeiro, C. M., Pinho, V. D., & Falcone, E. M. O. (2011). A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal. *Aletheia*, (35-36), 7-21. ISSN 1413-0394
- Rodrigues, M. C., & Ribeiro, N. N. (2011). Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. *Psicologia: teoria e prática*, 13(2), 114-126. ISSN 1516-3687
- Rodrigues, M. C., Peron, N. B., Cornélio, M. M., & Rezende Franco, G.de (2014). Implementação e avaliação de um Programa de Desenvolvimento da Empatia em estudantes de Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3), 914-932. ISSN 1808-4281

- Rodrigues, M.C. & Silva, R.de L.M. da (2012). Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1). <https://doi.org/10.12957/epp.2012.8304>
- Roza, S. A., & Guimarães, S. R. K. (2021). Empatia afetiva e cognitiva no transtorno do espectro autista (tea): uma revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0028>
- Sampaio, L. R., Camino, C. P., & Roazzi, A. (2010). Produtividade, necessidade e afetividade: justiça distributiva e empatia em jovens brasileiros. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 161-170. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100017>
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. dos S., Formiga, N. S., & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42(1), 67-76.
- Sampaio, L. R., Teixeira-Araújo, A. A., Lira, G. P. A., & Moreira, S. R. (2019). Empathy and autonomic and hemodynamic cardiac responses. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35431. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35431>
- IBGE. Cidades e Estados, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 24 Fev.
- G1. Mortes e casos conhecidos de coronavírus nos estados, 2022. Disponível em: (<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>). Acesso em: 24 Fev
- Trives, J. J. R., Bravo, B. N., Postigo, J. M. L., Segura, L. R., & Watkins, E. (2016). Age and gender differences in emotion regulation strategies: Autobiographical memory, rumination, problem solving and distraction. *The Spanish journal of psychology*, 19. <https://doi.org/10.1017/sjp.2016.46>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic

- Empathy Scale. *Journal of adolescence*, 29(4), 589-611.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Sanford, E. M., Burt, E. R., & Meyers-Manor, J. E. (2018). Timmy's in the well: Empathy and prosocial helping in dogs. *Learning & behavior*, 46(4), 374-386.
<https://doi.org/10.3758/s13420-018-0332-3>
- Sardinha, A., Falcone, E. M. O., & Ferreira, M. C. (2009). As relações entre satisfação conjugal e habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395-402. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300013>
- Shields, A. M., & Cicchetti, D. (1995). The development of an emotion regulation assessment battery: Reliability and validity among at-risk grade-school children. *Paper presented at the biennial meeting of the Society for Research on Child Development*, Indianapolis, IN, USA.
- Silva, T. E. D. de A., Pereira, R. de G., & Baltieri, D. A. (2020). Empathy and Sexual Impulsiveness among Medical Students Who Admit to Sexting Partners' Intimate Images. *Journal of Human Growth and Development*, 30(1), 111-119.
<http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.v30.9967>.
- Simoni, L., Benetti, S. P. D. da C., & Bittencourt, A. A. (2018). Intervenções do terapeuta psicanalítico no processo psicoterapêutico de uma paciente com transtorno de personalidade borderline. *Trends in Psychology*, 26(3), 1499-1512.
<http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-13Pt>
- Sutton, A. J. (2009). Publication bias. *The handbook of research synthesis and meta-analysis*, 2, 435-452.
- Ten Berge, J. M. F., & Kiers, H. A. L. (1991). A numerical approach to the exact and the approximate minimum rank of a covariance matrix. *Psychometrika*, 56, 309-315. <https://doi.org/10.1007/BF02294464>

- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Vachon, D. D., & Lynam, D. R. (2016). Fixing the problem with empathy: Development and validation of the affective and cognitive measure of empathy. *Assessment*, 23(2), 135-149. <https://doi.org/10.1177/1073191114567941>
- Valentini, F. (2017). Influência e controle da aquiescência na análise fatorial. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 120-123. ISSN: 1677-0471
- Van der Graaff, J. (2014). *Empathy in adolescence*. Doctoral dissertation, Utrecht University, Utrecht, Utrecht, Netherlands.
- Van der Weele, C. (2011). Empathy's purity, sympathy's complexities: De Waal, Darwin and Adam Smith. *Biology and Philosophy*, 26, 583– 593. <https://doi.org/10.1007/s10539-011-9248-4>
- Viana-Meireles, L. G., Oliva, A. D., Peixoto, E. M., Rocha, C. D. D. O., Vito, R. D. V. P., & Lima, E. C. D. (2018). Desenvolvimento de instrumento de avaliação da empatia para treinadores esportivos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(1), 2-10. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20180002>
- Vieira, M. L., & Oliva, A. D. (2017). Evolução, cultura e comportamento humano.
- Wagner, M. F., Piccinini, J., Piccinini, J., & Patias, N. D. (2019). Empatia, sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores do ensino superior. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 55-67. ISSN 1677-2970.
- Watson, T., Hodgson, D., Watts, L., & Waters, R. (2021). Historiography of empathy: Contributions to social work research and practice. *Qualitative Social Work*, <https://doi.org/10.1177/14733250211033012>

Wellman, H. M. (2018). Theory of mind: The state of the art. *European Journal of Developmental Psychology*, 15(6), 728–755.

<https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1435413>

Willmersdorf, P (2021, fevereiro 23) 'Vivemos uma forte crise de falta de empatia', diz Caco Barcellos. [site de jornal] Retirado de:

<https://oglobo.globo.com/cultura/vivemos-uma-forte-crise-de-falta-de-empatia-diz-caco-barcellos-24895036>

Zhang, L., Ren, Z., Jiang, G., Hazer-Rau, D., Zhao, C., Shi, C., ... & Yan, Y. (2020).

Self-oriented empathy and compassion fatigue: The serial mediation of dispositional mindfulness and counselor's self-efficacy. *Frontiers in psychology*, 11, 3856. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.613908>

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS/RESPONSÁVEIS

Pesquisador Responsável: Otávio Vendramin dos Santos (CPF: 02854609000)

Orientador: Prof^a Dr^a Angela Donato Oliva (Mat.30412-1)

1. Natureza da pesquisa – Objetivos:

Olá! Viemos convidar seu filho ou filha para participar da pesquisa “**Inventário de Empatia Adolescente (IEA): Desenvolvimento E Validação De Um Instrumento Nacional**”. O objetivo desta pesquisa é validar um inventário de empatia para crianças e jovens de doze a dezessete anos para ser usado em diferentes cenários da realidade brasileira.

A participação de seu filho, ou filha, neste estudo é voluntária e ele, ou ela, terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

2. Procedimentos

A pesquisa consistirá em que seu filho, ou filha, responda um inventário Online, as perguntas serão sobre como ele, ou ela, se comporta e sente em diferentes situações do dia-a-dia, tais como na escola, com os amigos e com adultos.

Responder a pesquisa leva, em média, 20 minutos.

3. Riscos e desconforto

Esta pesquisa à princípio, não traz riscos ou desconfortos, uma vez que abordam temas cotidianos da vida dos jovens. Ele ou ela pode, porém, sentir algum desconforto ou cansaço em responder todas as perguntas, mas aí é só deixar a aba aberta e voltar a responde-las quando estiver mais disposto ou disposta.

4. Confidencialidade

Caso você concorde em seu filho, ou filha, participar, suas respostas serão mantidas confidenciais, e vão ser utilizadas somente para dados estatísticos. Os dados individuais serão mantidos com o pesquisador por cinco anos, depois de finalizada a pesquisa e os resultados dela serão analisados e publicados, com sigilo às identidades de todos os que responderem.

5. Benefícios

Caso você aceite participar, seu filho ou filha estará contribuindo para o avanço das pesquisas sobre instrumentos psicológicos e com isso possibilitando que a empatia seja cada vez mais presente no cenário acadêmico brasileiro. Os resultados serão divulgados em artigos e congressos científicos e é esperado que auxiliem nas práticas profissionais aplicadas a crianças e jovens além ser mais subsídio para o planejamento de formas de intervenção e aprimoramento da empatia.

6. Pagamento

Seu filho ou filha não terá despesas nem receberá pagamento por participar desta pesquisa

No caso de necessidade de auxílio profissional em decorrência da pesquisa, para obter mais informações ou para obter uma via deste termo, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável pelo fone: 51 992296783 ou através do e-mail otaviopampa@prontonmail.com.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2569-3490. Este projeto foi aprovado pelo comitê de Ética da UERJ, sob o CAEE: 39663420.4.0000.5282.

Tendo em vista as informações acima, por favor manifeste, de forma livre e esclarecida, seu interesse em participar desta pesquisa. Ao selecionar a opção “CONCORDO”, você concorda que qualquer dúvida que você tinha foi adequadamente esclarecida e você concorda em participar desta pesquisa.

- Eu entendi os termos descritos e **concordo** que meu filho ou filha em participe desta pesquisa.
- Eu **não concordo** com os termos descritos.

**APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TALE)
Para crianças e adolescentes**

Oi!

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Inventário de Empatia Adolescente (IEA): Desenvolvimento e Validação de um instrumento nacional”, sob responsabilidade do pesquisador Otávio Vendramin dos Santos. Seus pais ou responsáveis sabem de tudo o que vai acontecer na pesquisa e permitiram que você participe.

Esta pesquisa será realizada para fazermos um novo instrumento para medir a empatia das crianças de doze a dezessete anos. Você não é obrigado(a) a participar e poderá desistir a qualquer momento, sem problema nenhum. Você só participa se quiser.

A pesquisa será feita online, nesse mesmo site. Para isso, você vai responder três questionários, um sobre coisas gerais como sua idade, onde mora, em que ano estuda, etc, e outros dois mais específicos sobre questões de como você se sente em diversas situações.

Esta pesquisa está sendo feita que nós tenhamos formas mais apuradas e melhores de medir e avaliar a empatia em crianças e jovens, o que pode ser muito bom já que ela é bem importante para nossas relações sociais. Responder todas as perguntas leva em média 20 minutinhos. Mesmo que não tenha muito risco, podem acontecer alguns probleminhas, você pode ficar cansado respondendo às perguntas ou pode ficar chateado com alguma das perguntas, se quiser pode parar um pouco, mas deixe a aba aberta e tente, se você puder, concluir no mesmo dia. Caso aconteça algo errado, nos procure pelos telefones (51) 992296783 ou pelo e-mail otaviopampa@protonmail.com.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2569-3490. Este projeto foi aprovado pelo comitê de Ética da UERJ, sob o CAEE: 39663420.4.0000.5282.

Essa pesquisa é totalmente sigilosa, ninguém vai saber que você está participando da pesquisa nem o que você respondeu, ficará só entre nós. Os

resultados da pesquisa vão ser publicados de maneira totalmente anônima, sem identificar ninguém que participou.

Então, se você entendeu e concorda em participar da pesquisa, por favor escolha a primeira opção e qualquer dúvida entre em contato.

- Eu aceito participar da pesquisa
- Eu não aceito participar da pesquisa

APÊNDICE C – Primeira versão do Instrumento

Quando eu vejo uma criança sozinha, sinto vontade de me aproximar dela
Sinto-me mal quando penso que uma criança possa ser maltratada
Quando um amigo está triste, eu fico triste também
Eu fico triste quando vejo coisas tristes na TV
Eu não me afeto/abalo quando alguém fica irritado comigo
Ver pessoas rindo, me dá vontade de rir
Sinto-me mal quando eu vejo alguém brigando
Ouvir o barulho de uma torcida me deixa animado
Ver pessoas chorando me deixa triste também
Fico feliz quando vejo crianças se divertindo
Eu fico triste quando vejo uma criança que não tem com quem brincar
As tristezas dos meus amigos não me afetam
Eu fico mexido quando coisas tristes acontecem
Eu fico mexido quando coisas alegres acontecem
Eu fico mexido quando coisas injustas acontecem
Não sinto nada vendo pessoas chorarem
Meus amigos dizem que eu consigo entender bem o que eles sentem
Sinto-me mal vendo um animal com dor
Eu posso sentir se estou me intrometendo, mesmo que a outra pessoa não me diga
Posso perceber quando alguém está fingindo suas emoções
Ao ver um amigo chorando me dá vontade de chorar
Eu sou alguém com "coração mole"
Não fico triste quando um amigo está para baixo
Fico triste vendo pessoas chorando
Fico com raiva quando vejo alguém sendo maltratado
Eu não consigo ficar feliz quando tem gente perto de mim que está triste
Eu me sinto mal quando vejo um animal sofrendo
Eu fico feliz vendo pessoas sendo legais umas com as outras
A dor dos outros me perturba
Sinto-me feliz vendo pessoas rindo e alegres
Eu não choro facilmente
Fico feliz quando estou perto de pessoas alegres
Fico triste quando estou perto de pessoas deprimidas
Dói ver outra pessoa sofrendo
Eu me emociono facilmente
Estar perto de pessoas tristes me deixa triste também
Eu consigo estudar, mesmo quando meus amigos estão assustados ou com medo
Quando uma pessoa briga comigo, eu também brigo com ela, respondendo da mesma forma
Eu fico calmo quando eu vejo alguém machucado
Quando fico muito nervoso, não consigo realizar qualquer atividade
Quando ouço pessoas gritando, eu me desespero
Quando estou triste, não consigo realizar qualquer atividade
Em jogos, futebol, vôlei, etc, quando eu fico brabo é difícil me controlar
Eu sou capaz de tomar decisões sem ser influenciado pelos sentimentos das pessoas
Fico ansioso quando as pessoas ao meu redor estão ansiosas

Sou muito influenciado pelo humor das pessoas que estão à minha volta
Fico envolvido com os problemas de um amigo
Eu consigo tomar decisões sem ser influenciado pelos sentimentos dos outros.
Eu me deixo levar pelos sentimentos dos outros
Fico envolvido com os problemas de um amigo
Para mim, é difícil entender por que algumas coisas perturbam as pessoas
Consigo prever bem como uma pessoa vai se sentir
Consigo perceber rápido quando uma pessoa, em um grupo, se sente desconfortável
Se eu disser algo e isso ofender alguém o problema é da pessoa, não meu
Eu não penso muito nos sentimentos dos outros
Se alguém pedisse minha opinião sobre algo eu diria, mesmo que ela não gostasse
Não percebo quando alguém se ofende por algo que foi dito
Eu entendo a felicidade de um amigo ao falar de algo que ele goste, mesmo eu não gostando daquilo
Eu percebo quando alguém está se sentindo para baixo
Tenho dificuldade de perceber quando meus amigos estão felizes
Quando alguém está de bom humor, eu percebo rapidamente
Eu consigo perceber "pela cara" quando alguém está com vergonha
Para mim, é fácil entender como se sente um personagem de um filme ou de um jogo
Eu sei quando alguém está infeliz antes de a pessoa dizer
Fico feliz quando alguém conta as coisas boas que aconteceram para ele
Eu gosto de ver gente recebendo presentes, mesmo quando não são pra mim
Para mim, é difícil ver as coisas da mesma maneira que outra pessoa
Em uma situação de conflito, tento levar em conta o pensamento de todos antes de tomar uma decisão
Quando tenho certeza de que tenho razão, não perco tempo ouvindo os outros argumentarem
Não sinto nada quando vejo alguém sendo tratado mal
Não sinto pena de alguém que está sendo tratado injustamente
Em um problema existem dois lados e costumo levar em conta a opinião das duas partes
Quando alguém me chateia, eu busco entender por que a pessoa fez isso
Antes de criticar alguém, eu tento pensar o que eu faria se estivesse no lugar daquela pessoa
Tento entender por que alguém está chateado, mesmo quando eu acho que não tem motivos
Meus amigos dizem que eu consigo entender bem o que eles pensam
Percebo claramente quando alguém está interessado ou não pelo que estou dizendo
Meus amigos dividem comigo seus problemas e dizem que sou compreensivo
Sou bom em adivinhar o que alguém vai fazer
Quando vejo alguém sendo enganado, sinto vontade de ajudá-lo.
Quando quero alguma coisa, tento ver se isso não vai prejudicar ninguém
Quando combino alguma coisa com alguém, tento pensar no que é melhor pra todos, não só para mim
Eu fico triste vendo uma pessoa sem amigos num grupo
Quando pessoas infelizes ficam falando de suas tristezas, isso me incomoda
Para mim, é difícil entender por que algumas coisas incomodam tanto as pessoas
Quando vejo alguém chorando, me dá raiva
Fico irritado quando vejo alguém sofrer uma injustiça

Quando vejo alguém recebendo ajuda, me sinto bem
Quando eu vejo uma criança sozinha, eu tento me aproximar a ela
Eu tento convencer uma pessoa a fazer o que eu quero, mesmo que ela não queira
Eu não falo sobre os meus problemas quando percebo que a pessoa com quem eu estou conversando não está bem
Eu procuro demonstrar que estou prestando atenção ao que uma pessoa, de quem eu gosto, me fala
Eu procuro demonstrar que estou prestando atenção ao que uma pessoa, que eu conheço, me fala
Eu procuro demonstrar que estou prestando ao que uma pessoa, de quem eu gosto me fala, mesmo que eu não tenha interesse no assunto
Eu procuro demonstrar que estou prestando atenção ao que um desconhecido me fala, mesmo que eu não tenha interesse no assunto
Eu ajudo quando acontece uma emergência
Quando eu vejo uma criança sendo ameaçada, eu tento protegê-la
Eu dividiria meu lanche com alguém que estivesse com fome
Na escola, eu ajudo meus colegas nas lições que eles não entenderam
Sinto-me bem ajudando as pessoas
Eu divido meus materiais escolares com um colega que não tem
Eu procuro ajudar nas tarefas de onde eu moro
Eu falo coisas para animar os meus amigos
Eu dou meus brinquedos que não uso mais
Quando eu vejo uma criança machucada, eu tento procurar um adulto/responsável
Quando estou pagando e o caixa me dá troco a mais, eu devolvo o dinheiro
Eu escuto meu amigo falar de algo importante para ele mesmo que não seja importante para mim
Quando um amigo começa a me contar seus problemas, eu tento mudar de assunto
Sinto-me bem em poder ajudar pessoas que precisam
Eu divido meus materiais escolares com um colega que não trouxe os dele
Eu gosto de cuidar das pessoas

APÊNDICE D – Primeira versão revisada do Instrumento

Quando eu vejo uma criança sozinha, sinto vontade de me aproximar dela
Sinto-me mal quando penso que uma criança possa ser maltratada
Quando um amigo está triste, eu fico triste também
Ouvir o barulho de uma torcida me deixa animado
Fico feliz quando vejo crianças se divertindo
Eu fico triste quando vejo uma criança querendo brincar com alguém e não tendo com quem brincar
Não sinto nada vendo pessoas chorarem
Sinto-me mal vendo um animal com dor
quando vejo um amigo chorando me dá vontade de chorar
Fico triste vendo pessoas chorando
Fico com raiva quando vejo alguém sendo maltratado
Eu não consigo ficar feliz quando tem gente perto de mim que está triste
Eu fico feliz vendo pessoas sendo legais umas com as outras
A dor dos outros me perturba
Sinto-me feliz vendo pessoas rindo e alegres
Dói ver outra pessoa sofrendo
Eu me emociono facilmente
Estar perto de pessoas tristes me deixa triste também
Quando uma pessoa briga comigo, eu também brigo com ela, respondendo da mesma forma
Eu consigo manter a calma quando vejo alguém machucado
Quando fico muito nervoso, não consigo realizar qualquer atividade
Quando ouço pessoas gritando, eu me desespero
Quando estou triste, não consigo realizar qualquer atividade
Fico ansioso quando as pessoas ao meu redor estão ansiosas
Consigo prever bem como uma pessoa vai se sentir
Consigo perceber rápido quando uma pessoa, em um grupo, se sente desconfortável
Eu não penso muito nos sentimentos dos outros
Não percebo quando alguém se ofende por algo que foi dito
Eu entendo a felicidade de um amigo ao falar de algo que ele goste, mesmo eu não gostando daquilo
Eu percebo quando alguém está se sentindo para baixo
Tenho dificuldade de perceber quando meus amigos estão felizes
Quando alguém está de bom humor, eu percebo rapidamente
Eu consigo perceber "pela cara" quando alguém está com vergonha
Eu sei quando alguém está infeliz antes de a pessoa dizer
Fico feliz quando alguém conta as coisas boas que aconteceram para ele
Eu gosto de ver gente recebendo presentes, mesmo quando não são pra mim
Para mim, é difícil ver as coisas da mesma maneira que outra pessoa

Em uma situação de conflito, tento levar em conta o pensamento de todos antes de tomar uma decisão
Quando tenho certeza de que tenho razão, não escuto as outras pessoas
Não sinto pena quando vejo alguém sendo tratado injustamente
(Em um problema existem dois lados e costumo levar em conta a opinião dos dois
Quando alguém me chateia, eu busco entender por que a pessoa fez isso
Antes de criticar alguém, eu tento pensar o que eu faria se estivesse no lugar daquela pessoa
Tento entender por que alguém está chateado, mesmo quando eu acho que não tem motivos para isso
Meus amigos dizem que eu consigo entender bem o que eles pensam
Percebo claramente quando alguém está interessado ou não pelo que estou dizendo
Quando quero alguma coisa, tento ver se isso não vai prejudicar ninguém
Quando combino alguma coisa com alguém, tento pensar no que é melhor pra todos, não só para mim
Eu fico triste vendo uma pessoa sem amigos num grupo
Para mim, é difícil entender por que algumas coisas incomodam tanto as pessoas
Fico irritado quando vejo alguém sofrer uma injustiça
Quando vejo alguém recebendo ajuda, me sinto bem
Eu tento convencer uma pessoa a fazer o que eu quero, mesmo que ela não queira
Eu não falo sobre os meus problemas quando percebo que a pessoa com quem eu estou conversando não está bem
Eu procuro demonstrar que estou prestando atenção ao que uma pessoa, de quem eu gosto, me fala
Eu procuro demonstrar que estou prestando atenção ao que uma pessoa, de quem eu gosto me fala, mesmo que eu não tenha interesse no assunto
Quando eu vejo uma criança sendo ameaçada, eu tento protegê-la
Eu dividiria meu lanche com alguém que estivesse com fome
Nas aulas, eu ajudo meus colegas nas lições que eles não entenderam
Eu divido meus materiais escolares com um colega que não tem
Eu falo coisas para animar os meus amigos
Eu dou meus brinquedos que não uso mais
Quando eu vejo uma criança machucada, eu tento procurar um adulto/responsável
Quando estou pagando e o caixa me dá troco a mais, eu devolvo o dinheiro
Eu escuto meu amigo falar de algo importante para ele mesmo que não seja importante para mim
Quando um amigo começa a me contar seus problemas, eu tento mudar de assunto
Sinto-me bem em poder ajudar pessoas que precisam
Eu divido meus materiais escolares com um colega que não trouxe os dele

APÊNDICE F – Segunda versão do Instrumento

Quando alguém perto de mim está com raiva eu sinto raiva também
Quando alguém perto de mim está triste eu dificilmente percebo
Eu não tento alegrar uma pessoa quando ela está triste
Quando percebo que alguém está sofrendo bullying busco ajudar essa pessoa de alguma forma.
Eu percebo rápido como alguém está se sentindo
Estar perto de alguém com medo faz com que eu comece a sentir medo
Como uma pessoa se sente, suas emoções, não afetam como eu me sinto.
Fico alegre quando estou próximo a pessoas alegres
Tento ajudar alguém quando percebo que a pessoa precisa de ajuda
Estar perto de pessoas tristes não afeta como eu me sinto
Eu noto a alegria das pessoas mesmo que elas não me falem
Quando alguém briga comigo, fico sem entender porque a pessoa fez isso.
A alegria dos outros não me deixa mais alegre
Tenho dificuldade em perceber quando alguém está com medo
Estar com alguém, quando essa pessoa está com raiva, não afeta como eu me sinto
Os sentimentos das pessoas, para mim, são difíceis de perceber
Estar perto de alguém com medo não interfere em como eu me sinto
Eu demonstro que estou triste, pois não penso que a outra pessoa possa estar passando por um momento ruim e ficar pior.
Não consigo ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim
É difícil perceber quando alguém está com raiva
As emoções dos outros afetam as minhas emoções
Eu percebo quando alguém está triste antes da pessoa dizer
Eu tenho dificuldade em notar quando alguém está alegre
Eu dou minhas coisas (brinquedos, livros, etc) para quem precisa.
Eu fico com raiva perto de pessoas com raiva
É difícil para mim perceber os sentimentos das pessoas
Quando eu percebo que alguém está sofrendo assédio, (sendo incomodada de alguma forma, etc) eu busco fazer algo para ajudar essa pessoa.
Tenho dificuldade de ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim
Quando eu vejo alguém com raiva eu me dou conta rapidamente
Eu não ajudo quando alguém precisa de ajuda
Me entristece estar perto de pessoas tristes
Eu não demonstro que estou triste porque se a outra pessoa estiver passando por um momento ruim ela pode piorar.

Quando alguém está com medo é difícil para eu perceber
A raiva de alguém perto de mim não influencia como eu me sinto
Eu fico calmo quando pessoas perto de mim estão com medo
É difícil perceber quando alguém está alegre
Quando me dou conta que alguém está sofrendo assédio (sendo incomodada de alguma forma, etc) procuro não “me meter”.
É difícil para mim notar quando alguém está triste
Os sentimentos das pessoas não influenciam como eu me sinto
Eu tento alegrar uma pessoa quando percebo que ela está triste
Eu me dou conta rápido quando alguém está com medo
Eu percebo quando pessoas a minha volta estão felizes
No lugar que eu moro eu não ajudo nas atividades da casa
Quando alguém briga comigo entendo que essa pessoa deva ter as suas razões, mesmo que eu não as saiba.
Consigo perceber bem como as pessoas se sentem
É difícil eu notar quando alguém está com raiva
Eu sou afetado pelas emoções das outras pessoas
A tristeza das pessoas ao meu redor não afeta como eu me sinto
Eu não dou minhas coisas (brinquedos, livros, etc) para quem precisa
Estar com uma pessoa com medo me deixa com medo também
Quando percebo que alguém está sofrendo bullying tento me afastar da situação.
Eu reconheço facilmente quando uma pessoa está triste
Consigo perceber rápido quando uma pessoa se sente com raiva
Estar com pessoas alegres não me deixa alegre
Se eu vejo alguém com medo eu percebo logo
Eu ajudo nas atividades do lugar onde eu moro

APÊNDICE G – Versão Final do Instrumento

Quando alguém perto de mim está com raiva eu sinto raiva também
Quando alguém perto de mim está triste eu dificilmente percebo
Eu percebo rápido como alguém está se sentindo
Estar perto de alguém com medo faz com que eu comece a sentir medo
Como uma pessoa se sente, suas emoções, não afetam como eu me sinto.
Fico alegre quando estou próximo a pessoas alegres
Estar perto de pessoas tristes não afeta como eu me sinto
Eu noto a alegria das pessoas mesmo que elas não me falem
A alegria dos outros não me deixa mais alegre
Tenho dificuldade em perceber quando alguém está com medo
Estar com alguém, quando essa pessoa está com raiva, não afeta como eu me sinto
Os sentimentos das pessoas, para mim, são difíceis de perceber
Estar perto de alguém com medo não interfere em como eu me sinto
Não consigo ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim
É difícil perceber quando alguém está com raiva
As emoções dos outros afetam as minhas emoções
Eu percebo quando alguém está triste antes da pessoa dizer
Eu tenho dificuldade em notar quando alguém está alegre
Eu fico com raiva perto de pessoas com raiva
É difícil para mim perceber os sentimentos das pessoas
Se eu vejo alguém com medo eu percebo logo
Tenho dificuldade de ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim
Quando eu vejo alguém com raiva eu me dou conta rapidamente
Quando estou perto de pessoas alegres me sinto alegre também
Quando alguém está com medo é difícil para eu perceber
Consigo perceber rápido quando uma pessoa se sente com raiva
A raiva de alguém perto de mim não influencia como eu me sinto
Eu fico calmo quando pessoas perto de mim estão com medo
É difícil perceber quando alguém está alegre
É difícil para mim notar quando alguém está triste
Os sentimentos das pessoas não influenciam como eu me sinto
Eu me dou conta rápido quando alguém está com medo
Eu percebo quando pessoas a minha volta estão felizes
Estar com pessoas alegres não me deixa alegre
Consigo perceber bem como as pessoas se sentem
É difícil eu notar quando alguém está com raiva
Eu sou afetado pelas emoções das outras pessoas
A tristeza das pessoas ao meu redor não afeta como eu me sinto
Estar com uma pessoa com medo me deixa com medo também
Eu reconheço facilmente quando uma pessoa está triste

APÊNDICE H – Inventário Brasileiro de Empatia para Adolescentes (IBE-A)

Olá, por favor, assinale o quanto cada uma das frases tem relação com você escolhendo uma opção na escala abaixo. As opções vão de (1) “Não tem nada a ver comigo” a (5) “Tem tudo a ver comigo” passando por posições intermediárias. Por favor, marque com um “x” o número que considera apropriado para cada afirmação. Muitas perguntas não deixam claro porque exatamente a pessoa está sentindo aquela emoção, nesses casos responda com base na maioria das suas experiências, não há respostas certas ou erradas.

Muito obrigado!

		Não tem nada a a ver comi go	Não tem quas e nada a ver comi go	Tem mais ou menos a ver comig o	Tem muito a ver comigo	Tem tudo a ver comig o
1	Eu percebo rápido como alguém está se sentindo	1	2	3	4	5
2	Estar perto de alguém com medo faz com que eu comece a sentir medo	1	2	3	4	5
3	Estar perto de pessoas tristes não afeta como eu me sinto	1	2	3	4	5
4	Eu noto a alegria das pessoas mesmo que elas não me falem	1	2	3	4	5
5	Tenho dificuldade em perceber quando alguém está com medo	1	2	3	4	5
6	Estar com alguém, quando essa pessoa está com raiva, não afeta como eu me sinto	1	2	3	4	5
7	Os sentimentos das pessoas, para mim,	1	2	3	4	5

	são difíceis de perceber					
8	Estar perto de alguém com medo não interfere em como eu me sinto	1	2	3	4	5
9	Não consigo ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim	1	2	3	4	5
10	É difícil perceber quando alguém está com raiva	1	2	3	4	5
11	As emoções dos outros afetam as minhas emoções	1	2	3	4	5
12	Eu percebo quando alguém está triste antes da pessoa dizer	1	2	3	4	5
13	Eu tenho dificuldade em notar quando alguém está alegre	1	2	3	4	5
14	Eu fico com raiva perto de pessoas com raiva	1	2	3	4	5
15	É difícil para mim perceber os sentimentos das pessoas	1	2	3	4	5
16	Se eu vejo alguém com medo eu percebo logo	1	2	3	4	5
17	Tenho dificuldade de ficar feliz quando tem pessoas tristes perto de mim	1	2	3	4	5
18	Quando eu vejo alguém com raiva eu me dou conta rapidamente	1	2	3	4	5
19	Me entristece estar perto de pessoas tristes	1	2	3	4	5
20	Quando alguém está com medo é difícil para eu perceber	1	2	3	4	5
21	Consigo perceber rápido quando uma pessoa se sente com raiva	1	2	3	4	5
22	A raiva de alguém perto de mim não influencia como eu me sinto	1	2	3	4	5
23	Eu fico calmo quando pessoas perto de mim estão com medo	1	2	3	4	5
24	É difícil perceber quando alguém está	1	2	3	4	5

	alegre					
25	É difícil para mim notar quando alguém está triste	1	2	3	4	5
26	Os sentimentos das pessoas não influenciam como eu me sinto	1	2	3	4	5
27	Eu me dou conta rápido quando alguém está com medo	1	2	3	4	5
28	Eu percebo quando pessoas a minha volta estão felizes	1	2	3	4	5
29	Consigo perceber bem como as pessoas se sentem	1	2	3	4	5
30	É difícil eu notar quando alguém está com raiva	1	2	3	4	5
31	Eu sou afetado pelas emoções das outras pessoas	1	2	3	4	5
32	A tristeza das pessoas ao meu redor não afeta como eu me sinto	1	2	3	4	5
33	Estar com uma pessoa com medo me deixa com medo também	1	2	3	4	5
34	Eu reconheço facilmente quando uma pessoa está triste	1	2	3	4	5

APÊNDICE I

- Questionário sociodemográfico

IDENTIFICAÇÃO

Idade: _____

Sexo: _____

Nacionalidade (em que país você nasceu?) _____

Escolaridade (em que série/ano você está)? _____

Estado (onde você mora) : _____

Cidade (onde você mora): _____

Você tem irmãos ?

- | | |
|------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> não | <input type="checkbox"/> 4 |
| <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 5 |
| <input type="checkbox"/> 2 | <input type="checkbox"/> mais de 5 |
| <input type="checkbox"/> 3 | |

Quantas pessoas moram com você? _____

- Quem mora com você?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Pai | <input type="checkbox"/> Madrasta |
| <input type="checkbox"/> Mãe | <input type="checkbox"/> Avô |
| <input type="checkbox"/> Irmão/Irmã | <input type="checkbox"/> Avó |
| <input type="checkbox"/> Padrasto | |

Outro. _____

- Você tem um quarto só para você?

Sim

Não Divide com quem?

- Você tem religião?

sim Qual?_____

não

- Por favor, indique uma pessoa com quem você convive, ou conviveu, e que é importante para você (Alguém de quem você goste e que alguma forma tenha sido presente na sua vida) (pode marcar mais de uma pessoa) pai

mãe

avo materno

irmão

avó materno

irmã

avo paterno

padrasto

avo paterno

madrasta

Outro._____

Nas vezes que você precisou, estas pessoas/essas pessoas te ajudaram?

nunca

quase sempre

quase nunca

sempre

mais ou menos, na metade das vezes

Escolha apenas uma das pessoas que você indicou acima e responda as próximas duas questões

- Escolaridade dessa pessoa (até quanto essa pessoa estudou)?

analfabeto

ensino fundamental completo

ensino fundamental incompleto

ensino meio incompleto

ensino médio completo (Ex. escola)

ensino superior completo (Ex. faculdade)

ensino superior incompleto

• Essa pessoa têm religião?

sim, qual _____

não

* (Peça ajuda para um adulto e responda) Faixa de renda familiar aproximada:

A) até dois salários mínimos;

B) Entre três e cinco salários mínimos

C) Entre seis e oito salários mínimos;

D) Mais de nove salários mínimos

* Quantas pessoas vivem com essa renda? _____

Muito obrigado!

APENCIDE H

Categorização de itens.

É utilizada uma escala likert com 5 pontos, sendo 1 “Não tem **nada** a ver comigo”, 2 “Não tem **quase nada** a ver comigo”, 3 “Tem **mais ou menos** a ver comigo”, 4 “Tem **muito** a ver comigo” e 5 “Tem **tudo** a ver comigo”. Cargas positivas são somadas e cargas negativas são subtraídas de cada um dos dois fatores.

Empatia Afetiva –

Alegria: Itens positivos (4, 28), itens negativos (13, 24).

Tristeza: Itens positivos (12, 34), item negativo (25).

Medo: Itens positivos (16, 27), itens negativos (5, 20).

Raiva: Itens positivos (18, 21), itens negativos (18, 30).

Aspectos gerais: Itens positivos (1, 29), itens negativos (7, 15).

Empatia Cognitiva –

Alegria: Item positivo (17).

Tristeza: Itens positivos (9, 19), item negativo (3, 32).

Medo: Itens positivos (2, 33), itens negativos (8, 23).

Raiva: Item positivo (14), itens negativos (6, 22).

Aspectos gerais: Itens positivos (11, 31), item negativo (26).